

REFRAÇ ÇÕES

Refracções Camonianas
em Artistas do Século XXI

Ut Poesis
Pictura

CAMONI ANAS

REFRACÇÕES CAMONIANAS EM ARTISTAS DO SÉCULO XXI

UT POESIS PICTURA

EXPOSIÇÃO 17 NOVEMBRO 2020 — 28 DE ABRIL 2021
MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA
CENTRO INTERUNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS CAMONIANOS
MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

AGRADECIMENTOS

Aos Artistas pela inestimável colaboração que prestaram à realização deste catálogo.

Aos que nos deram um contributo determinante:

Famílias de José Rodrigues, de Júlio Pomar e de Nikias Skapinakis.

Graça Fonseca
José Pedro Paço d'Arcos
Elísio Summavielle
Isabel Cordeiro
Isabel Rocha
Sara Matos
Teresa Tamen
Vitor Garcia
Milton Pacheco
Francisco Soares Oliveira

Aos seguintes Museus e Instituições:

Atelier-Museu Júlio Pomar/EGEAC
Centro Cultural de Belém
Centro Nacional de Cultura
Ministério da Cultura | Direção Geral do Património Cultural
Ministério do Ambiente
Universidade de Coimbra

REFRACÇÕES CAMONIANAS EM ARTISTAS DO SÉCULO XXI UT POESIS PICTURA

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA

CONCEPÇÃO DO PROJECTO, DIRECÇÃO
DA EXPOSIÇÃO, ORGANIZAÇÃO DO CATÁLOGO
MARIA BOCHICCHIO

8	MARCELO REBELO DE SOUSA Presidente da República Portuguesa
10	MANUEL MACHADO Presidente da Câmara Municipal de Coimbra
12	ANA ALCOFORADO Diretora do Museu Nacional de Machado de Castro (de setembro 2008 a março 2021)
14	JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA Coordenador Científico Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos Universidade de Coimbra
18	MANUEL FERRO Faculdade de Letras Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos Universidade de Coimbra <i>A Exposição “Refracções Camonianas” no âmbito das actividades comemorativas do 25o aniversário do CIEC</i>

22	A EXPOSIÇÃO
24	MARIA BOCHICCHIO Comissária e Curadora Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos Universidade de Coimbra <i>Camões depois de Camões</i> <i>Peças de arte na senda de poesia</i>
30	ALBUQUERQUE MENDES
32	ANTÓNIO OLAIO
36	ARLINDO SILVA
40	CABRITA
44	FRANCISCO LARANJO
48	FERNANDO MARQUES DE OLIVEIRA
52	GRAÇA MORAIS
56	JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO
60	JOSÉ RODRIGUES
64	JÚLIO POMAR
68	LEVI GUERRA
72	LU LESSA VENTAROLA
76	MANUEL CASIMIRO
80	NIKIAS SKAPINAKIS
84	PEDRO CALAPEZ
88	PEDRO POUSADA
94	PEDRO PROENÇA
100	RUI SANCHES
104	SOBRAL CENTENO
108	ZULMIRO DE CARVALHO
112	<i>Biografias</i>
117	<i>Irradiação de um Projecto</i>
119	<i>Esculpir o Tempo</i>
127	<i>Ficha Técnica</i>

Genis audam que doluptatur solorepedis ad exeratium, quunt quundaerum doluptio. Apelique peratiis is nustus, ea sim ut ut et que incitium quiati optaque veruptatur alitios apellor estrum as dolupta turions equatur moluptasped et reium et autatqui te late il et fugiatus simus veritatus ab in resequam ea intur santisto tet, intur apicaep roviduntur repuda porios dolorro te eossim is re ventibusa esto modita vento officid quae aut resequa tectur audam aliam fuga. Osam si dolest esed es et, namus, aliquae volo exeriati quis ates aperia prero idi rest, volupta consed utatatur sum nemporepro quo erferae min porio eum, accabor eprori sapedist, ab imus. Magnim quibus, assinctatur rat.

Dunt voluptatiam voluptatur raessitiis qui cum hitet escianis maionesedit utatibus nienis alique velessed qui consenim quis et odicias soluptatqui debist as cus es incidebis sunderciis enectiam deles maximus solorehendae vendandit dolupta nonsequ asitas eumque ommoloriae suntur rerovita nis sam quis et quia sundit fugit et venecep turibusam ra porro ea quam sust vendisque se quasisita vellent eniet fuga. Et et, simpos pe cuptur acepro blatibe rferibus suntecat des dent dolenistis atat.

Tem reperro et fugiti totae ipid erferibus, et aperum es mi, aut plis non cus as ad unt res earum autendes dolor alitat mo dolupidelit, sequate non estias abo. Fugiaerum asperum et et optatem sitis si ipsum, non non core, sus, odit rerum rerum quibus alique evelenimin periatem facearcitas mil et exceptas et, nos pro ducia qui aut volliquid quam nonse dolupis quatibu sandus vella-borem quis aut modia quas eicia sinimus volest fugias atem idebit aut molum repererum volorumque quatiunt inum resto cuptas nonsequi tem a ipsant modi duntiaerum harunt.

Foi com grande gosto e entusiasmo que a Câmara Municipal de Coimbra se associou, desde o primeiro momento, e ajudou a concretizar a exposição “Refracções Camonianas em artistas do Séc. XXI”, um projeto que resultou de um diálogo virtuoso entre artistas plásticos contemporâneos e o legado de Luís de Camões.

Figura maior da nacionalidade e cultura portuguesas, Luís Vaz de Camões continua a estimular o pensamento crítico e a produção artística, como se comprovou pela genial participação dos artistas contemporâneos que integraram esta exposição e que generosamente aceitaram este desafio.

Sendo Coimbra uma cidade de literatura, por um lado, e com um investimento notável em arte contemporânea ao longo dos últimos anos, por outro, a Câmara Municipal não poderia deixar de apoiar este projeto. Na verdade, a área da cultura tem tido crescente atenção nos últimos anos, sendo encarada como um eixo fundamental da ação municipal, para o desenvolvimento da cidade e esta exposição foi apenas mais um sinal evidente dessa estratégia cultural.

Associámo-nos à organização desta exposição com o mesmo entusiasmo com que nos empenhámos em abrir, a 4 de julho de 2020, o Centro de Arte Contemporânea de Coimbra, com mais de 190 obras da coleção de arte contemporânea do Estado, e do mesmo modo que, já desde 2015, coorganizamos, com o Círculo de Artes Plásticas e a Universidade de Coimbra, o Anozero: Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra.

Fazemo-lo no âmbito de um objetivo mais vasto – o de valorizar Coimbra como uma referência da literatura e da arte contemporânea – honrando a história e projetando o futuro, com os olhos postos na Capital Europeia da Cultura 2027, à qual nos candidatamos e que temos fundadas expectativas de vir a ganhar e a organizar.

A congregação de esforços das várias entidades e artistas envolvidos foi fundamental para o sucesso desta iniciativa e vem evidenciar que as parcerias são de relevante importância para a nossa cidade. A todos o nosso agradecimento.

ANA ALCOFORADO

Diretora do Museu Nacional de Machado de Castro

(Setembro 2008 a Março 2021)

Para o fazer, Camões usou a oitava / Que é feita de oito versos a rimar. / Até ao sexto as rimas alternava, / Nos dois finais a rima vai a par. / Com oitavas assim, organizava / Essa história que tinha de contar / Em cantos que são dez e a nós, ao lê-los, / Espanta como pôde ele escrevê-los.

‘Os Lusíadas para Gente Nova’, Vasco Graça Moura, 2012.

Mais de 400 anos separam Camões do seu ‘co-narrador’ contemporâneo, que ousou trazer a genialidade do épico para o convívio com os leitores do século XXI. Numa obra em que os seus próprios versos coabitam com os de Camões, Vasco Graça Moura seleciona, apropria, condensa e comenta em oitava rima, o esquema estrófico e métrico da epopeia camoniana, estabelecendo a ponte para um acesso fácil a jovens leitores e a todos os que não detenham ainda ferramentas culturais para o ler. Esse livro, igualmente ilustrado com criações de artistas contemporâneos (com uma evocativa obra de José de Guimarães, na capa), constitui uma inclusiva e aliciante porta de entrada no universo literário de Luís de Camões, abrindo ainda o diálogo intertextual da obra camoniana com as artes, como a pintura, a escultura, a música e o cinema, de múltiplas épocas e origens, de diversos estilos e tendências.

Se há autor que percorre, transversalmente, vários séculos e vários tempos, falando continuamente às mais diversas faixas da civilização portuguesa, para continuar a ser, na atualidade, um motivo central (e de justificado orgulho) da nossa cultura, esse autor é Luís de Camões.

Camões é omnipresente na identidade portuguesa. Ao longo de quase cinco séculos, suscitando complexas interpretações e leituras que desdobram outras leituras, cada época e cada autor, em contínuas gerações, tem encontrado na vida e obra do poeta o eco e a revelação dos seus próprios sonhos e anseios, reconhecendo-lhe a dimensão identitária e cultural e assimilando-as na contemporaneidade. Nesse sentido, e porque Camões é plural - não há apenas um, há vários Camões - lê-lo à luz do que hoje somos, anuncia um exercício de cidadania.

Com o intento de celebrar o diálogo da contemporaneidade com o passado, num espaço de encontro de linguagens artísticas, não poderíamos encontrar melhor casa do que este Museu, para acolher um projeto expositivo que reúne o *engenho e a arte* de alguns dos artistas mais representativos da arte portuguesa contemporânea, desafiados a dar corpo às palavras do maior poeta de todos os tempos da língua portuguesa, permitindo-nos habitá-las neste espaço!

Inspirada nos seus modelos formais e temáticos, através dos quais acabava os seus sonetos com um pensamento elevado, habitualmente emotivo e enriquecido com a evocação de uma experiência pessoal, concluo partilhando um momento que quase senti como ‘predestinação’ para o envolvimento neste projeto expositivo, circunstância que veio a ocorrer alguns meses depois. Refiro-me a um itinerário pessoal que me levou, em 2019, a estar diante da impressionante pintura a óleo, ‘A Morte de Camões’ - de Joseph-Léon-Roland de Lestang-Parade, pintor de Louis XVIII e professor da École des Beaux Arts de Paris - na exposição ‘Le Modèle Noir: de Géricault à Matisse’ que o Musée D’Orsay organizou sobre um tema que tem sido menosprezado: a contribuição das pessoas negras na História da Arte. Se essa obra me tocou pela intensidade afetiva, pela dualidade (tão camoniana!) da presença e da ausência, o que marcou especialmente esse ‘encontro’ foi a atualidade das reflexões que a temática e a descrição apresentada junto à pintura despoletaram.

A vida e obra d’O POETA, as suas contradições e desenganos, a humanidade e a diversidade permitirão sempre múltiplas abordagens e diferentes contemporaneidades, num caminho de renovada descoberta.

Como dilucidou Santo Agostinho – o grande pensador da problemática do tempo e da memória, com marcantes influxos na poética de Camões –, só vivemos o presente, mas nele vamos revendo ou refazendo o passado e imaginando ou projectando o futuro.

Passa por aí a criação estética, não só no domínio da intertextualidade literária, mas também no plano, porventura mais complexo, das correlações entre as artes.

Por consequência, a consideração dos nexos que a nossa contemporaneidade artística estabelece com as grandes figuras da tradição cultural constitui questão nuclear na compreensão actual da criação estética.

Nesse quadro, avulta Camões como mito vivo da cultura lusíada e autor cimeiro do cânone nacional (como Dante ou Cervantes em seu diverso modo); e a sua incerta vida, a sua forte e perturbadora personalidade, a sua obra incomodada e fascinante (de alcance universal, como a de Shakespeare ou a de Goethe), continuam a interpelar e a estimular os seus leitores. Assim acontece, em particular, com esses receptores qualificados que são os artistas dos nossos dias.

Hoje, como através dos séculos, essas várias facetas da presença de Camões continuam a encontrar recepções interpretativas e críticas, mas também continuam a motivar recepções criativas nas artes – desde a literatura à música, desde o teatro ao cinema. Mas, entre essas recepções de criatividade artística foram prevalecendo as realizadas naquele domínio que a cultura de Camões e do seu tempo mais enalteceu e colocou a par da Poesia – o da Pintura.

Camões, filho maneirista da cultura do Renascimento, assumira o pacto entre a pintura, qual «poesia muda», e o canto poético, qual «pintura que fala»; e traduzira esse pacto de transpostas afinidades em rasgos de interacção criativa. Em contrapartida, assim o foram entendendo também os pintores perante o legado de Camões; e, ao longo dos séculos, a pintura soube corresponder a esse tributo de Camões, na medida em que a iconografia de Camões e do mito camoniano, a transposição pictórica de personagens e passos da obra camoniana ou a ilustração de suas edições, encontraram inúmeros e qualificados intérpretes (como evidenciaram os estudos de Bernardo Xavier Coutinho e outros subsequentes).

A exposição *Refracções Camonianas em Artistas do Século XXI*, só possível como fruto de eficiente pesquisa de Maria Bochicchio no seio do Grupo de Trabalho “Poética e Retórica” do CIEC, veio actualizar e redireccionar extraordinariamente o curso dessa relação, como o presente catálogo perpetua para o nosso espírito alertado por esta advertência do humanismo cívico d’*Os Lusíadas* (V, 98, 8): «Porque quem não sabe arte, não na estima.»

No canto épico e lírico de Camões, tão denso de recursos intertextuais e tão rico de intersemioses artísticas, esplendem os lances de sugestivo visualismo e de transposição efrástica no quadro da construção poética de história pessoal e comunitária que a Aurelio Roncaglia pareceu «história em figuras [...] subtraídas ao fluxo das contingências». Sem embargo, para lá da relatividade histórica dos padrões do gosto e dos critérios de juízo estético, o canto de Camões não aparece hoje aos seus receptores criativos menos sensível à consciencialização da contingência dos valores e dos destinos.

Entre Camões e esses seus receptores criativos que se exprimem preferencialmente pelos signos das artes plásticas, prossegue uma relação genesiaca, preñe de interrogações críticas e de sugestões criativas que em grau superlativo se dão a entrever na magnífica teoria das obras associadas por *Refracções Camonianas em Artistas do Século XXI*.

Os autores dessas obras podem ter começado por ser tocados pelo facto de, tal como a trajectória dos heróis d'*Os Lusíadas*, a existência de Luís Vaz de Camões foi marcada pela errância, quase sempre aventureira, muitas vezes forçada e penosa – desde as oscilantes, e para nós incertas, movimentações de formação juvenil e de integração social, de iniciação no funcionamento institucional da literatura e de compensação estúrdia do estatuto secundário e da limitada condição económico-familiar, de primeiros degredos e encarceramentos e de primeira experiência militar ao serviço do império, até aos dezasseis anos de vicissitudes pelo Oriente.

Todavia, mais os terá impressionado que, paralelamente, a obra poética de Camões – na deriva existencial e na deslocação discursiva do sujeito lírico das *Rimas* ou do narrador e das personagens d'*Os Lusíadas* – se configure toda ela em experiência de viagem. Não só canto da experiência de descoberta e arrojo nos novos percursos em torno da Terra, sujeitando aos embates com realidades adversas aquela ânsia humana de perigeia que a literatura moderna, desde Jules Verne até ao nosso Ferreira de Castro, foi refazendo e legando ao cinema; também, e sobretudo, a experiência de confronto com a diferença de lugares e gentes, a experiência de encontros e desencontros com o(s) outro(s) e sua identidade (bem diferente da enaltecida identidade nacional, supostamente configurada numa historicidade lusocêntrica).

Os vinte pintores desta exposição captaram e redesenharam os modos como Camões figura a experiência de que «todo o mundo é feito de mudança» (assim inferem as *Rimas* ao reactivarem com novo alcance um tópico clássico já saturado) e como equaciona enfim que até a identidade de cada homem e de cada nação se actualiza em sentido plural e aberto ou se torna mesmo problemática na mudança que o(s) tempo(s) traz(em).

Em suma, parece-me que os vinte artistas - na pluralidade das suas características individuantes e na comum modernidade da sua indeterminação semântica – sugerem impressivamente que, hoje, vida e obra de Camões nos desafiam e cativam, afinal, para outra viagem: uma aventura de discurso e conhecimento.

A EXPOSIÇÃO REFRACÇÕES CAMONIANAS NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES COMEMORATIVAS DO 25º ANIVERSÁRIO DO CIEC

A Exposição Refracções Camonianas, uma iniciativa do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, foi o espaço de convergência e colaboração com o Museu Nacional de Machado de Castro e a Câmara Municipal de Coimbra. Inaugurada a 17 de novembro de 2020, bem pode ser considerada como o culminar de uma série de iniciativas desencadeadas por este Centro de Investigação que visaram a celebração dos seus vinte e cinco anos de existência. Se a nível académico se organizaram diferentes jornadas em que diferentes camonistas apresentaram o resultado da sua investigação de acordo com as mais atuais tendências da crítica literária sobre a obra de Luís de Camões, estas iniciativas acabaram por superar os muros do universo académico e projetaram-se para além deste espaço de especialistas, criando oportunidades de disseminação do conhecimento em contextos diversificados.

Assim, no âmbito universitário, contaram-se dois Colóquios que versaram sobre “Camões e Lusofonia”, dissecando aspetos da projeção da obra e até das vivências do Poeta nas literaturas e culturas dos países de expressão portuguesa; outro, “Tons e Sons. Retórica, Estilo e Versificação”, mais orientado para os aspetos formais do idioleto camoniano; já o que abordou “Camões no Diálogo Interartes” privilegiou a área da musicologia, mormente no que se refere ao encontro das duas linhas, a literária e a musical; também o Colóquio sobre o “Comentário de Camões” acentuou a importância das diferentes edições devidamente comentadas d’*Os Lusíadas* ao longo dos séculos, em Portugal e no Brasil, bem como a sua importância no âmbito da hermenêutica do texto camoniano. Ao corresponder a uma solicitação apresentada pela Câmara Municipal de Chaves, membros do CIEC deslocaram-se a esta cidade transmontana e a sua colaboração acabou por revelar que as matérias camonianas são passíveis de estabelecer uma interlocução produtiva com aspetos culturais regionais, não só ao nível do saber académico e escolar, como também das tradições locais.

Todas estas iniciativas são, por conseguinte, sinal da vitalidade do Centro, dos trabalhos resultantes dos variados projetos e linhas em que se encontra estruturado. Nele acha-se, desde o início da sua atividade, uma linha que contempla os projetos editoriais da e sobre a obra camoniana, que se subdivide em três grupos de trabalho e que tratam, um visando a edição crítica d’*Os Lusíadas*, outro a edição crítica da lírica e outro a reedição dos comentários e das edições comentadas; uma segunda linha, “Camões: Engenho e arte”, inclui outros grupos centrados sobre a “Hermenêutica da obra camoniana”, “A Poética e a Retórica em Camões”, “Camões e a tradição medieval” e “Camões e a muda poesia”; um terceiro projeto, “Camões, Ciência e Musicologia”, aborda primordialmente a dimensão musical da obra de Camões ao longo dos tempos e, de modo particular, na atualidade, equacionada em função da tecnologia contemporânea; um quarto projeto valoriza o lugar de posição de “Camões no Mundo”, que acentua o perfil do Poeta como um autor clássico e canónico a nível global, acolhendo, de modo excepcional, um grupo de trabalho sobre “Camões e a Lusofonia”; por último, “Camões na cidade e escola” dedica-se à pedagogia e didática da obra camoniana.

Tal como se prevê nos objetivos a alcançar, “através de programas de pesquisa heurística e ecdótica, intertextual e temática, de comentário filológico e

hermenêutico, estudos de receção (crítica e criativa) e intersemiose artística, de enquadramento estilístico-periodológico e de correlação com a história das ideias e história das mentalidades, tais como através das respetivas edições críticas ou anotadas, o programa estratégico do CIEC é promover o acesso rigoroso e o conhecimento aprofundado da obra de Camões, das obras de outros autores que estabeleceram relações paragramaticais importantes e da bibliografia crítica consagrada a tais temas, como a presença cívico-cultural do mito camoniano no devir da história (portuguesa, europeia, universal)”.
Para a execução adequada e eficiente dos seus projetos, o CIEC colabora com outras instituições que se propõem atingir objetivos semelhantes e foi através desta convergência que foi possível a realização desta exposição, em que despoletando e assumindo a responsabilidade da sua organização, foi possível chegar a consenso com o Museu Nacional de Machado de Castro e a Câmara Municipal de Coimbra, que acabaram por contribuir, cada instituição a seu modo e dentro das respetivas competências.

Na realidade, no contexto atual das atividades a desenvolver no quadriênio entre 2018 e 2022, se a prioridade estratégica do Centro incide sobre três vetores - edição, interatividade digital e internacionalização -, o CIEC recruta alguns dos grupos de trabalho acima mencionados, em colaboração com elementos externos, para o lançamento de outras iniciativas de alto impacto e nível científico. Se a exposição “Refracções Camonianas” são um bom exemplo deste tipo de prática, não deixa de ser relevante também o facto de se projetar no *site* do Centro, graças à sua recente reformulação, mediante uma reelaboração em termos qualitativos e quantitativos da comunicação digital alcançada, através da apresentação dos documentários realizados especificamente ou incidindo sobre a exposição e os artistas nela representados agora aqui reunidos e polarizados.

Deste modo, o alcance desta exposição supera as dimensões espaciais do espaço ocupado no Museu Nacional de Machado de Castro e projeta-se em novos horizontes e públicos, distantes ou, devido a contingências relacionadas com o contexto sanitário da pandemia de COVID 19, afastados destes circuitos públicos. Porventura, não estaremos longe de reconhecer que este fenómeno resulta da valorização da dinâmica de fazer chegar o trabalho do CIEC no âmbito da globalização, lançando âncoras com outros espaços e centros que valorizam e apreciam criticamente o trabalho desenvolvido pelo CIEC em prol da Língua, Literatura e Cultura Portuguesas, focadas através do estudo da obra camoniana, enquanto símbolo máximo da nossa identidade enquanto povo e enquanto nação. Evidentemente que esse interesse é mais evidente no âmbito da lusofonia em centro e instituições congêneres.

Mas, para além disso, há que ter em conta que a exposição “Refracções Camonianas” deve ser considerada como uma das manifestações mais altas de encerramento das celebrações dos 25 anos do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e por vários motivos. Na realidade, nelas se cruzam diferentes vetores dos diversificados grupos de trabalho que integram o CIEC. Se, por um lado, nesta exposição se reúnem obras dos nomes maiores das artes da nossa cena artística contemporânea e representam o produto do diálogo interartes estabelecido entre pintores e escultores e o Poeta – entre as artes e as

letras –, e que refletem o impacto da obra de Camões nas telas e nas produções escultóricas dos nossos dias, por outro lado, representam um conseguido processo de receção e hermenêutica do texto camoniano, mas agora traduzido e expresso através de um tipo de linguagem não-verbal. Ao cabo e ao termo, se ao longo dos séculos e nos variados campos da produção artística, é possível rastrear um número considerável de obras que ilustram não só as edições camonianas, é igualmente respeitável o caudal de outras manifestações de todo o género, desde as mais populares em azulejo tipicamente português, até às mais elaboradas e concetualizadas, que bem evidenciam a projeção da obra do Poeta nas mais diversificadas manifestações, utilizando os mais diferentes meios de expressão. Além do mais, se a par da importância que Camões assume em todas as literaturas dos PALOPs, e até no mundo, e que a sua relevância não é de menosprezar a par com outros nomes igualmente reconhecidos enquanto clássicos da literatura universal, não é difícil encontrar bustos e esculturas que o representam ou figuras e episódios da sua obra maior, *Os Lusíadas*, não só no universo que se exprime em língua portuguesa, como até em muitos e diversificados países. Por outro lado, para atrair um público leitor mais jovem, a banda desenhada e as ilustrações nas diversas publicações que contém poemas seus ou, nalguns casos, excertos, acentuam esse carácter que fazem de Camões um nome de um escritor cujo lugar de posição é inquestionavelmente integrante do cânone nacional e um clássico de todos os tempos e da república das letras de todas as nações. Por isso, a exposição “Refracções Camonianas” vem sublinhar essa sua importância no contexto da cultura nacional dos nossos dias, e mediante a exibição de manifestações no campo das artes, reforçando o seu estatuto de ícone da identidade dum nação que se exprime traduz através dum língua hoje igualmente considerada global espalhada pelo globo. No entanto, espera-se ainda, a encerrar esta série de celebrações do 25º aniversário do CIEC, que tenha lugar uma iniciativa paralela com o recrutamento de escritores contemporâneos, que poderão de igual modo testemunhar a sua dívida para com Camões, ou, pelo menos, o modo como o Poeta condicionou (muito, pouco, ou nada) a sua produção literária.

Contudo, por agora, e tendo como objeto o périplo que esta exposição, “Refracções Camonianas” proporciona, decerto que o visitante, diante de cada uma das obras exibidas, inseridas em mais um plano sincrónico do eixo das diacronias da expressão artística do vasto leque de temas e episódios inspirados em Camões, não pode deixar de recordar as palavras do Poeta colocadas na boca do Paulo da Gama, n’*Os Lusíadas*, quando este encerra o longo discurso das bandeiras, vaticinando que outros vindouros continuariam a pintar os varões ilustres e os feitos por eles praticados, mesmo quando carecessem dos necessários materiais, pelo que logo a outros recorreriam, como nesta exposição é bem patente, graças à inventividade que o génio em todos os tempos faculta:

“Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores:
Honra, prémio, favor, que as artes criam.”
(*Os Lusíadas*, VIII, 39)

EXPOSIÇÃO

ALBUQUERQUE MENDES

ANTÓNIO OLAIO

ARLINDO SILVA

CABRITA

FRANCISCO LARANJO

FERNANDO MARQUES

DE OLIVEIRA

GRAÇA MORAIS

JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO

JOSÉ RODRIGUES

JÚLIO POMAR

LEVI GUERRA

LU LESSA VENTAROLA

MANUEL CASIMIRO

NIKIAS SKAPINAKIS

PEDRO CALAPEZ

PEDRO POUSADA

PEDRO PROENÇA

RUI SANCHES

SOBRAL CENTENO

ZULMIRO DE CARVALHO

CAMÕES DEPOIS DE CAMÕES PEÇAS DE ARTE NA SENDA DE POESIA

Refracções Camonianas em *Artistas do Século XXI – Ut Poesis Pictura* resulta da vontade conjunta do Grupo de Trabalho “Poética e Retórica”, da linha de investigação “Camões-Engenho e Arte(s)” do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos sediado na Universidade de Coimbra, do Museu Nacional de Machado de Castro e da Câmara Municipal de Coimbra, em apresentar uma exposição, entre 17 de Novembro de 2020 e 28 de Abril de 2021, convidando 20 artistas, altamente representativos da actualidade, a revisitar em obras originais¹ a poesia lírica e épica do universo camoniano, seus temas e figuras, seus mitos e episódios.

A estreita relação entre poesia e artes levou-nos a um jogo hermenêutico. Invertendo o célebre tópico *ut pictura poesis* para *ut poesis pictura*, propusemos aos artistas, a criação de formas plásticas como discurso de decodificação do poético, fundamentado numa profunda consciência histórica.

Esta exposição de *poesia silenciosa* afigura-se uma cartografia contemporânea de reflexão crítica sobre o universo camoniano, que ultrapassa o uso da palavra, excede o indizível e translada a poesia para o campo das artes plásticas.

A revisitação do humanismo português encontra nesta exposição um novo espaço interpretativo: uma ampla *refracção* contemporânea, sensorial e táctil, que manifesta o que do tempo e do pensamento quinhentista permaneceu na actualidade.

Nas palavras da Diretora do Museu Nacional de Machado de Castro, Maria de Lurdes Craveiro:

«O resultado deste esforço interpretativo não se traduziu apenas num diálogo entre a contemporaneidade e um passado mais ou menos cristalizado; mostra, de uma forma muito viva, a sua capacidade de interferência no quotidiano e no presente. Mostra, também, a volatilidade de um passado sistematicamente recriado e adaptado e, por esta via, a própria vulnerabilidade da sua natureza em constante interpelação.»²

Os discursos artísticos apresentados amplificam a compreensão de Camões, da sua existência e da sua obra, e ao mesmo tempo convocam os grandes temas e mitos da cultura e da identidade portuguesa, em imagens e formas do presente, reorganizadas em diferentes e inovadoras gramáticas plásticas.

Pintura, escultura, fotografia, desenho, técnicas mistas e outras expressões plásticas foram apresentadas ao longo da exposição com vários níveis oficiais, num conjunto de propostas de mediação entre o mundo renascentista português e a nossa contemporaneidade.

Propondo uma conexão discursiva entre arte e poesia, a peça *Ilha dos Amores*, com que CABRITA contribuiu para a exposição, privilegia o discurso camoniano da mudança, da transformação, mas sobretudo da afirmação do espírito da modernidade renascentista.

A escultura, constituída por numa montagem de muita diversidade e inspirada no canto IX d’*Os Lusíadas*, é um exercício de pensamento em torno da fragmentação, da dispersão compensatória que Camões introduz na sua narrativa épica.

Na proposta simbólica de Graça Morais, a narrativa participa de uma inspiração plástica mais ampla. Partindo da epopeia marítima, a pintura *Lamento da gaiivota à mãe de Vasco da Gama* apresenta uma revisitação do feminino da história portuguesa.

A epopeia marítima continua a *Navegar* a linha do horizonte intemporal na pintura de Fernando Marques de Oliveira, com a elegância discursiva das suas formas geométricas. Trata-se de uma heterotopia narrativa, de estética do espaço, mas também de uma voragem do tempo, onde o passado épico vive no futuro da arte.

O interesse plástico pelo épico prossegue em Pedro Proença, que mergulha as suas peças em vários materiais visuais da época quinhentista, da pintura renascentista italiana às miniaturas maneiristas, e no horizonte marítimo da pintura de Levi Guerra, que expressa “uma semiótica cromática; (...) com grande pertinência para a conexão receptiva à criação literária de Camões” (José Carlos Seabra Pereira).

A reflexão sobre a história de Portugal e a identidade nacional está presente através da pintura de Manuel Casimiro, que percorre largas geografias, numa tradição cultural que participa da matriz judaico-cristã e greco-latina: do mito sebastianista ao conceito trinitário e ao oriente, com profundo equilíbrio pictórico e filosófico.

A translação histórica prossegue na pintura de Sobral Centeno, que por sua vez refigura, com imaginação pensante o episódio da *Chegada da frota a Melinde*. A temática das cruzadas, regressa através códigos simbólicos e cromáticos.

O discurso sobre a identidade em *Éferida que dói, e não se sente – (17.03.1953)*, de Albuquerque Mendes, concentra-se na lírica camoniana e opera uma estratégia de desmultiplicação da identidade nacional, que passa através da representação cénica do seu próprio rosto, da qual resulta uma heteronímia funcional. Um jogo interactivo com a tradição, de extrema modernidade.

Já Arlindo Silva introduz, através do autorretrato, *Ao sair da desfocagem*, uma releitura do soneto «Pensamentos que agora novamente», na interação do olhar e do objeto: «fecho o meu olho traiçoeiro, na tentativa de focar o pensamento. Fico preso na superfície especular (...) apenas uma cegueira branca» (Arlindo Silva).

Com a obra *Ao desconcerto do mundo*, Pedro Pousada ultrapassa as fronteiras do mito, da épica e da lírica, para dialogar pictoricamente com a existência camoniana, com as suas aspirações, contradições e fragilidades. Através do gesto a sua dinâmica cria uma escala de valores éticos de grande actualidade e níveis de intensidades narrativa, assumidos pela cor enquanto discurso, revelando o gosto pela palavra como razão da acção plástica.

Também o trabalho escultórico de Rui Sanches reflete a condição humana na sua finitude, interpretando a modernidade camoniana como discurso da incerteza existencial no fluir do tempo.

No conjunto das peças que constituem a exposição, a pintura de Francisco Laranjo, *Infinito íntimo – a casa de Camões*, alarga o horizonte do mundo camoniano, apresentando um lugar imaginado, um território longínquo do passado. A intensidade da cor que plasma na tela, a vibração cromática e a precisão das linhas-sinais dão lugar às formas, que abrem um espaço interpretativo lírico, de permanência enigmática.

Com Lu Lessa Ventarola regressamos à grande temática amorosa da lírica camoniana. Na sua peça *E não ardia?* - etérea, suspensa, feita de espessuras e leveza de versos e reverso - a artista produz uma interrogação crítica, de grande actualidade, sobre o valor das “palavras” como corpo com um sistema nervoso, capaz de organizar a existência e coordenar a relação entre emoção e razão.

António Olaio surpreende no âmbito da exposição pela matéria plástica apresentada na sua peça *Camões por Camões*, altamente inovadora e tão inédita pelo facto de ser a palavra a gerar as formas plásticas, numa unidade indissociável, «respondendo aos sonetos com outros sonetos». Em verdade a obra de António Olaio procede a reapropriação do espaço plástico através da palavra-gesto que o enuncia.

José Maças de Carvalho apresenta na sua peça um discurso meta-pictórico e meta-crítico, na tentativa bem conseguida, de sugerir plasticamente a natureza peculiar da poesia na sua dimensão táctil e sensorial. A criação fotográfica apresentada trabalha o conceito de melancolia presente em toda a obra de Camões e até nuclear na sua poesia lírica.

Com a sua peça *Universo em fuga*, Zulmiro de Carvalho faz da pintura uma linguagem poética, onde pensar e sentir são processo de uma dialogia que ocorre no interior do desenho e postula a capacidade de expressar a metafísica do sentido, que se traduz na materialidade do suporte plástico.

No tríptico *Estando em terra chego ao céu voando*, com suas volumetrias, a pintura de Pedro Calapez torna-se pura poesia. Essa pintura no acto da sua produção, gera a própria Autopsicografia.

Na presente exposição, escolhemos homenagear três extraordinários criadores, que fizeram os seus percursos entre a modernidade e o século XXI e que nos deixaram há muito pouco tempo.

Refiro-me a Júlio Pomar, Nikias Skapinakis e José Rodrigues. O facto de terem decorrido algumas décadas entre a realização das pinturas deste três Mestres e as outras obras originais apresentadas na exposição torna ainda mais singular a irrupção da modernidade novecentista se reencontrar agora com naturalidade com a produção artística actual.

Júlio Pomar realizou o *Retrato de Camões (col. CCB)* no período de 1988/90, importante marco na iconografia do poeta Luís de Camões, onde aquilo que mais interessa ao criador do retrato, citando as suas palavras, é «o que passa no ar quando alguém se deita, se senta, recomeça a andar»⁵.

Com José Rodrigues, no retrato de Camões de 1997 (Col. do artista), encontramos na realidade, um duplo retrato, ou seja, uma sobreposição surpreendente que faz da tela um encontro entre a face de Camões e o autorretrato do pintor, uma leitura entre passado e presente num jogo irónico de personificação.

Por sua vez Nikias Skapinakis, apropriando-se de um verso do canto III d’*Os Lusíadas*, como ponto de partida da sua obra de 1998, «Onde a terra acaba e o mar começa» (col. CNC), consegue diluir todas as fronteiras, reinterpretando o verso e a sua mitografia, num *diálogo contínuo*, como escreve Helena Skapinakis, para nela testemunhar um *passado omnipresente*, no qual o artista procura, segundo as suas próprias palavras, um «sentido, um fio de Ariadne que evite perder-me no labirinto dos acontecimentos»⁴.

Excepcional conjunto de peças de uma originalidade digna de nota, e iluminadora da obra camoniana, estas *Refracções Camonianas em Artistas do Século XXI – Ut Poesis Pictura*, contribui fortemente para a discussão e aprofundamento de uma problemática importante da arte portuguesa do século XXI, a recepção criativa da figura mais emblemática do Humanismo português.

Esta exposição não teria sido possível sem a generosidade dos artistas, dos colecionadores e das instituições - públicas e privadas - que cederam as suas obras, bem como dos vários autores que acrescentaram, nos textos preliminares, o seu olhar conhecedor na leitura dessas obras.

Gostaria, por fim, de dizer que a exposição constitui uma experiência motivadora, de fecundo diálogo e de cooperação entre três importantes instituições - a Câmara Municipal de Coimbra, o Museu Nacional de Machado de Castro e o Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra.

- 1 À exceção de 6 peças que, por razões que adiante explicaremos, integram esta exposição.
- 2 Maria de Lurdes Graveiro, Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, *Refracções Camonianas*, Coimbra, (MNMC) 18 de Abril de 2021.
- 3 Júlio Pomar, *Da Cegueira dos Pintores – Parte Escrita II (1981-1983)*, 2014.
- 4 Helena Skapinakis, *Um diálogo Contínuo* — Texto escrito para o presente catálogo.

ALBUQUERQUE MENDES

Os portugueses
Os portugueses são eixos de circunferências
Os portugueses são prelúdios de épocas
Os portugueses são mesclados



ALBUQUERQUE MENDES

É ferida que dói, e não se sente – (17.03.1953), 2020

Tinta da china, aguarela e guache sobre papel.

12 elementos (cada) 29,5 × 42 cm

Col. do artista

Fotografia: Claro Sousa e Frederico Mendes

Camões por Camões foi o título que dei a um livro da coleção Infravioleta coordenada por Rita Marnoto e Alice Geirinhas. Em cada número, escritores partiriam de imagens para criar textos e artistas partiriam de textos para criar imagens. 6 imagens despoletando 6 textos ou 6 textos despoletando 6 imagens. Eu fui desafiado com 6 sonetos de Camões. Como artista plástico, seria esperado que respondesse com imagens. Mas essa mesma condição de artista levou-me a uma forma de criar imagem, respondendo aos sonetos com outros sonetos. Despudoradamente, *Camões por Camões* como se o autor não mudasse, ou como se o autor fosse o próprio jogo ... *Camões × Camões* ... multiplicação, potência...

Rita Marnoto acompanhou-me nesse xadrez. Sempre que necessário, eu procurava a palavra certa que cumprisse o rigor plástico de um soneto, sem ver neste processo qualquer constrangimento, mas uma motivação acrescida. E a procura da plasticidade, da musicalidade da maior fluidez do texto, levava a um maior rigor conceptual do jogo das ideias.

Com o desenho que fiz para esta exposição, ensaiei formas de parecer que tornava visível o fluxo de tensões entre um dos sonetos escolhidos e aquele a que deu origem.

De facto, este desenho, podendo apresentar-se como explorando o lado escondido dos processos de escrita, sobretudo explora as possibilidades criadas em se apresentar assim, na relação entre as imagens que se abrem no jogo das palavras com a imagem destas formas em trânsito, entre um texto e outro, podendo ser a matéria da qual os textos são feitos, ou o plasma que eles emanam quando se leem ou, quando são deixados a si próprios, sem leitor, explorando a pura possibilidade.



TANTO DE MEU ESTADO MACHO INCERTO, A NÃO QUE DAS MÃOS ME SAÍ E SAÍ VOANDO
QUEM VIVO A RDOR TREMENDO ESTOU DE FRIO, QUE SÓ TRÊS DEDOS TEM PRA SER SIMÉTRICA
SEM CAUSA JUNTAMENTE CHORO E RIO, IGUAL A LUZ DO SOL À LUZ ELÉCTRICA
O MUNDO TODO ABARCO, E NADA ABERTO. FAROL QUE ME CONDÚZ POR ONDE EU ANDO

HE TUDO QUANTO SINTO UM DESCONCERTO: E TUDO ASSIM PARECE NEM SER UM
DALMA HUM FOGO ME SAE, DA VISTA UM RIO, ALG DA VISTA NADA SAI EM SI FICANDO
AGORA ESPERO, AGORA DESCONFIO, OLHAR QUE O MUNDO VÊ EM SE ESPELHANDO
AGORA DESVARIO, AGORA ACERTO. MUITO SE FAZ POUCO, POUCO NENHUM

ESTANDO EM TERRA, CHEGO AO CEO VOANDO HERDEIRA DESTE SER AMBIVALENTE
NUM HORA ACHO MIL ANOS, E HE DE GETTO A SOMBRA FAZ UM CÍRCULO PERFEITO
QU'EM MIL ANOS NÃO POSSO ACHAR NUM HORA, DO CORPO QUE SÓ SOMBRA É AGORA

SE ME PERGUNTA ALGUEM PORQUE ASSI ANDO, Y CORPO QUE ASSIM SE VENDO, ASSIM SE SENTE
RESPONDO QUE NÃO SEI: POREM SOSPEITO QUE A SI SE APRESENTA DESTE GETTO
QUE SO PORQUE VOS VI, MINHA SENHORA OLHAR QUE NEM TEM DENTRO NEM TEM FORA

CAMÕES POR CAMÕES

ANTÓNIO OLAIO
Camões por Camões, 2020
Grafite sobre papel.
50 x 65 cm
Col. do artista
Fotografia: Vítor Garcia

Que fantasia é esta, que presente
Cad' hora ante os meus olhos me mostrais?
Com sonhos e com sombras atentais
Quem nem por sonhos pode ser contente?

Passaram quase dez anos desde que me formei em Belas Artes. Recentemente fui convidado a regressar à faculdade para uma vez mais criar. Decidi lançar-me para um conjunto de procedimentos técnicos de gravura sobre metal de ataque directo: Butil/Mezzotinta /Ponta seca.

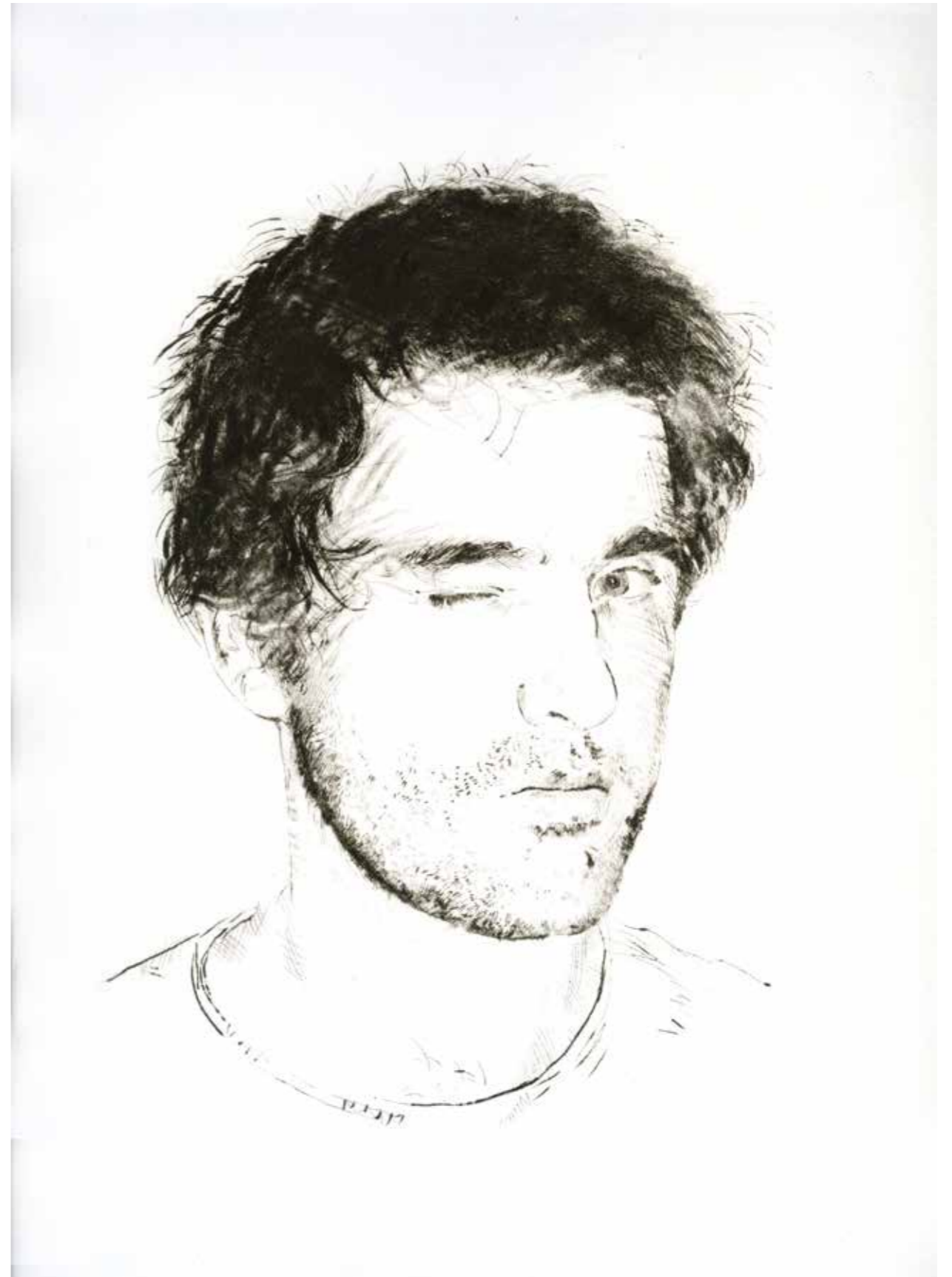
Sobre a impressão (sensação)

Quando retirei a película azul que protegia a placa de metal, uma luz acobreada banhou o meu rosto. Olhei-me. O reflexo oferecia-me uma imagem esbatida e dormente. O efeito seduzira-me e, quanto mais pairava sobre ela o meu olhar, mais me sentia encantado. Apercebi-me, ao balançar a placa, da forma como subtilmente distorcia a minha imagem. A sensação do passado inundava-me: regressar à faculdade para uma vez mais criar. Fecho então uma vez mais o meu olho traiçoeiro, na tentativa de focar o pensamento. Fico preso na superfície especular. Desenho para que não escape dali. Rasgo o metal para que permaneça indelével, adormecendo a luz que cobre a minha imagem. Talho-a em seguida para que ela acolha mais tarde a noite.

Expor uma vez mais: matriz/ impressão da matriz. Origem e efeito, lado a lado. A matriz polida revela-se cândida ao nosso olhar, como se fosse a primeira vez. As incisões cintilantes, outrora inundadas de cor negra, tomaram forma ao lado, absorvidas pela candura do papel.

Da impressão: luz-reflexo, resta apenas uma cegueira branca. Do desenho, preso na superfície, desejoso em ser visível, escapa sob pressão na primeira oportunidade, sobrevivendo multiplicando-se.

A passagem acontece no contacto; intenso, tal como um beijo.



ARLINDO SILVA
Ao sair da desfocagem, 2011
Gravura buril, mezzotinta / ponta seca.
33,5 × 45 cm
Col. do artista
Fotografia: Arlindo Silva

Ilha dos Amores, Canto IX d'*Os Lusíadas* é provavelmente uma das maiores e mais perfeita afirmação do espírito da modernidade renascentista na cultura portuguesa da época.

A minha *Ilha dos Amores* é um exercício de pensamento informal em torno de maravilhosa e enriquecedora fragmentação, dispersão, caos, que Camões, de alguma maneira, num momento de suspensão narrativa dos *Lusíadas*, transporta.

A minha obra escultórica interpreta e transporta o mesmo pensamento de um caos criativo pleno de amor alegria e felicidade.



CABRITA
Ilba dos Amores, 2020
Ferro pintado, dimensões variáveis, site-specific.
Col. do artista
Fotografia: João Ferrand

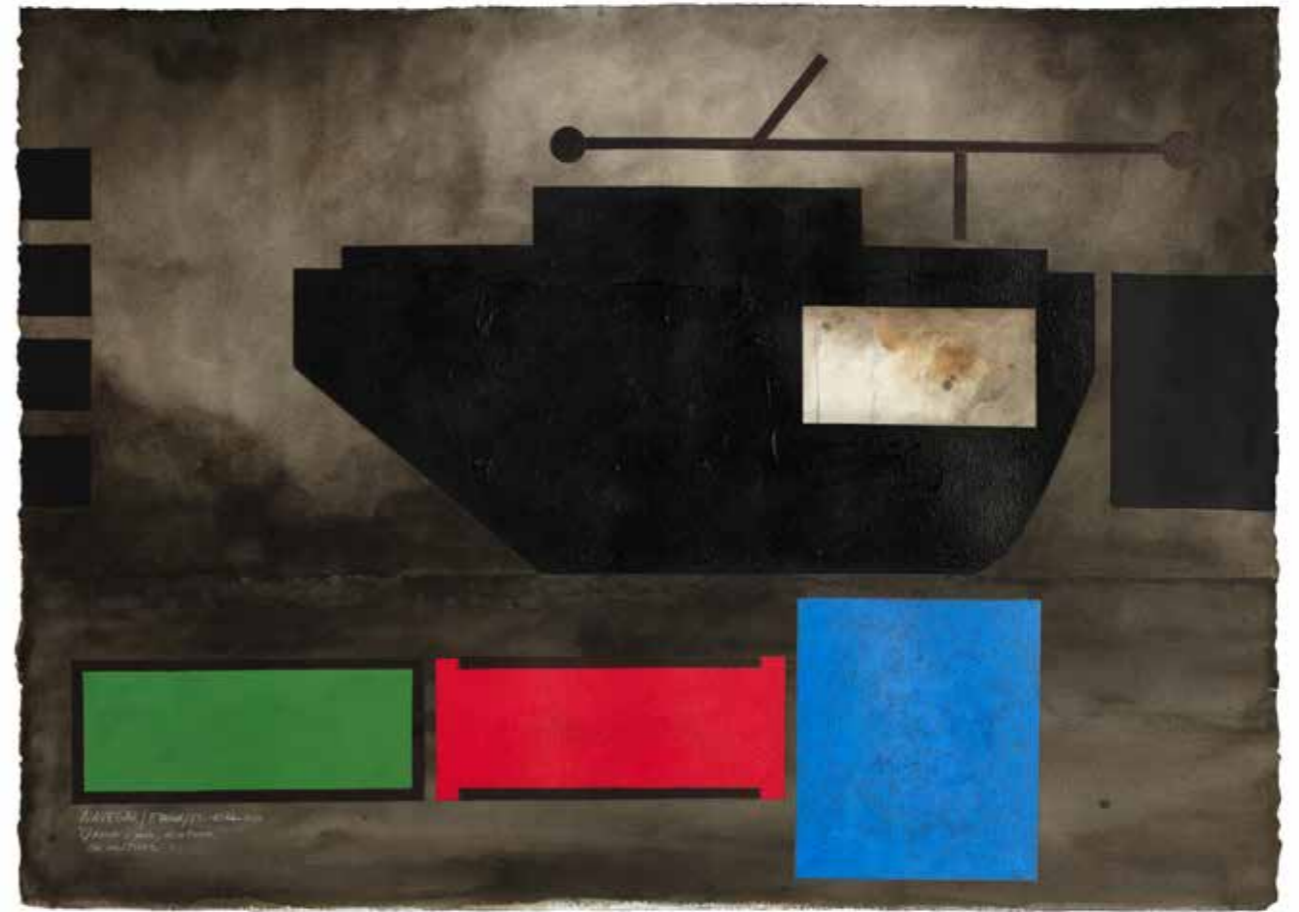
Quando recebi o convite para participar nesta exposição, *Refracções Camonianas*, ponderei diversas possibilidades, tendo decidido retomar uma ideia que havia trabalhado na sequência de uma viagem que realizei à Ilha de Moçambique em 1999, e que resultou entre outros trabalhos, numa pintura a que chamei *A Casa de Camões*. Esta foi desenvolvida a partir da suposta casa onde o poeta haveria vivido longos meses, e integrando uma exposição com o título *Infinito Íntimo*. Essa era uma pintura de 50 x 40 cm, cuja estrutura e pensamento serviram esta nova abordagem na escala em que se apresenta e no discurso que se olha. Porque em todo o caso, a casa de Camões, é a casa de todos nós!

FRANCISCO LARANJO
Infinito íntimo – a casa de Camões, 2020
Óleo sobre tela.
192 x 164 cm
Col. do artista
Fotografia: Shared Institute



FERNANDO MARQUES DE OLIVEIRA

Quando avistei o monstro geométrico no horizonte, percebi que o sono me dominara. Acordei. Vi o sol escurecer e as ninfas evadidas de um qualquer Canto mais benévolo. Acreditei nas imagens, tanto quanto nas palavras. Navegar na linha do horizonte que balanceia nas marés. palavras. Navegar na linha do horizonte que balanceia nas marés.



FERNANDO MARQUES DE OLIVEIRA
Navegar, 2020
Técnica mista sobre papel.
106 × 75 cm
Col. do artista
Fotografia: António Pinto

(...) agora, a saudade do passado
tormento, puro, doce e magoado,
fazia converter estes furores
em magoadas lágrimas de amores.

GRAÇA MORAIS

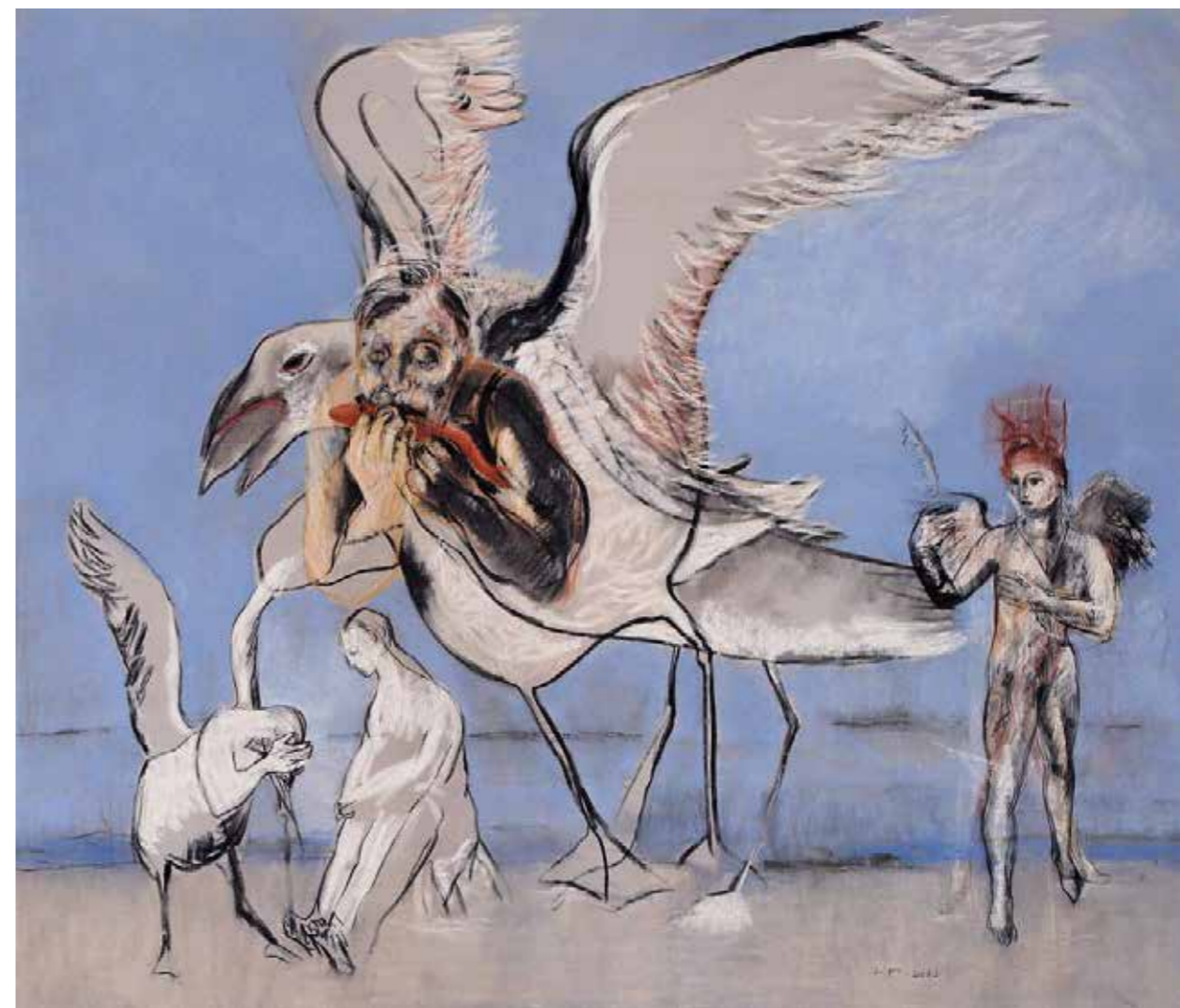
Lamento da gaiçota à mãe de Vasco da Gama, 2005

Carvão e pastel sobre tela

178 x 208 cm

Col. Fundação Paço d'Arco

Fotografia: Fátima Carvalho



Escolhi esta imagem não porque descubra qualquer relação imediata ou visual com a obra camoniana. Sempre pensei que a poesia não precisa de ser parasitada por uma imagem. Ela própria é imagem em potência na intimidade de cada leitor.

Talvez a tenha escolhido a partir da pergunta recorrente: O que é a poesia? Esta fotografia é da ordem da retração ou mesmo da concentração: não se oferece a uma leitura narrativa. Não é imagem que surge por ausência da coisa. É um traço, o rasto de um movimento obscuro e, como um poema, *é breve e elíptica por vocação* (Derrida). Blanchot nota que a obra de arte, a escrita ou a poesia vivem de uma solidão essencial que decorre de um trabalho interminável.

Então, talvez, esta fotografia se encontre remotamente com a lírica camoniana nesta expressividade melancólica que sinto quando vejo um corpo em suspensão, breve e só, num movimento infundável.

JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO
S/Título (pool #1), Macau, 2005
Lambda print.
120 × 172 cm
Da série It's a Lonely Planet
Cortesia Galeria Carlos Carvalho
Fotografia: José Maças de Carvalho



Foi Luís de Camões de meã estatura,
grosso e cheio no rosto
e algum tanto carregado da fronte;
tinha o nariz comprido,
levantado no meio e grosso na ponta;
afeava-o notavelmente a falta do olho direito.
Sendo mancebo, teve o cabelo tão louro
que atirava a açafroado.
Ainda que não era gracioso na aparência,
era na conversação muito fácil, alegre e dizedor,
como se vê em seus motes e esparsas,
posto que já sobre a idade deu algum tanto em malencónico.

JOSÉ RODRIGUES
Camões, 1997
Desenho a carvão e pastel seco.
100 x 70 cm
Col. do artista
Fotografia: Vítor Garcia



A memória regista um certo olhar mais depressa do que a forma dos olhos; antes da precisão dos contornos impõem-se o aspeto do corpo, o arco da cintura, o movimento das sobrancelhas, o que passa no ar quando alguém se deita, se senta, recomeça a andar.

JÚLIO POMAR
Retrato de Camões, 1988/90
Acrílico, algodão e carvão
200 x 133 cm
Col. CCB
Fotografia: Tiago Pinto/ CCB, 2018



LEVI GUERRA

A pintura de Levi Guerra é sobretudo uma semiótica cromática; e assim acontece neste quadro, com grande pertinência para a conexão receptiva à criação literária de Camões. Nele, as cores distinguem e convizinham os espaços, dispensam e subentendem as linhas de contorno, indefinem as fronteiras, abrem a beleza perceptiva oriunda do mundo e do estar-no-mundo para a aspiração a um horizonte aberto.

Esse horizonte é recorrentemente, na obra de Camões o da presença do mar, do convívio com o mar, da lição do mar, do impulso simbólico do mar, que ergue o espírito encarnado e situado do ser humano para além da fenomenologia do sensível – rumo à utopia sonhada.

LEVI GUERRA
Um mar sem praias, 2001
Acrílico sobre tela
100 x 130 cm
Col. do artista
Fotografia: Vitor Garcia



Camões cantou o puro amor – este intransitivo, sem sujeito ou predicado.

Convidou-o: «more em mim; more aqui entre nós». Ofereceu seus versos como casa, como barco, como altar - e Amor não recusa convite. Com Camões viajou de boca em boca, abrigou-se em corações, convocou pensamentos, exigiu ações. Mas não conseguiu evitar que a dor doesse. Junto com o poeta o Amor atravessou mares e mares, mas não pôde impedir que cada pessoa encerrasse em si mesma um continente. Que a expansão das terras do corpo e do espírito em direção à união com o outro fosse contida pelas águas do egoísmo e da (ainda!) brutalidade dos corações. Nem mesmo Camões teve forças suficientes para carregar toda a leveza do Amor.

Esta camisola antiga, que tanto viu, quis ser leito dos versos convocatórios. No entanto, nem ela pôde. A pureza do Amor que transcende não se rendeu à sua alvura, à delicadeza de suas costuras. É bem verdade que ele – Ele – ficou comovido com os pequenos rasgos no tecido, marcas de sua história única... Concedeu, então, entregar-se ao pano – mas com Camões em versos reversos. Está tudo dito, mas ainda não podemos ver por inteiro – «só em partes», como escreveu Paulo aos Coríntios.

Aceitar o fracasso humano em sua capacidade de amar é, ao mesmo tempo, vestir as vestes do vencedor. É conceder vitória à esperança de que um dia veremos tudo por inteiro...

..., mas, por ora, Ele ainda arde. Arde muito. E dói.

LU LESSA VENTAROLA

E não ardia?, 2020

Bordado sobre camisola antiga de algodão e renda.

180 × 120 cm

Col. do artista

Fotografia: Vítor Garcia



Como todos bem sabemos, Camões viveu na fase final do Renascimento, período marcado por grandes mudanças sobretudo em consequência do afastamento das ideias da Idade Média, que observava e entendia o mundo como uma Criação Divina, em detrimento da investigação e do seu entendimento por via activa das capacidades intelectuais humanas, práticas que foram privilegiadas, adotadas no Renascimento. Neste tempo, surgiu a preocupação ética da afirmação da dignidade do ser humano, colocada no centro do universo, onde se privilegiava a razão e a ciência. Os renascentistas revisitaram a Antiguidade Clássica, que a par das grandes navegações e as suas consequências e múltiplas descobertas contribuíram para um diferente entendimento do planeta, da história da humanidade, que vigorara até aí. Camões é sem dúvida um renascentista. Nos Lusíadas, humaniza os deuses, e da Ilha dos Amores, transpiram influências vindas do Oriente, que Camões conheceu bem.

Embora esta obra glorifique os feitos dos Portugueses, seja um épico nacional, sobretudo a partir das descobertas do outro lado do mundo levadas a cabo pelos Lusitanos, Camões não deixa nos Lusíadas de transpirar os sinais da crise espiritual e política, vivida no nosso país.

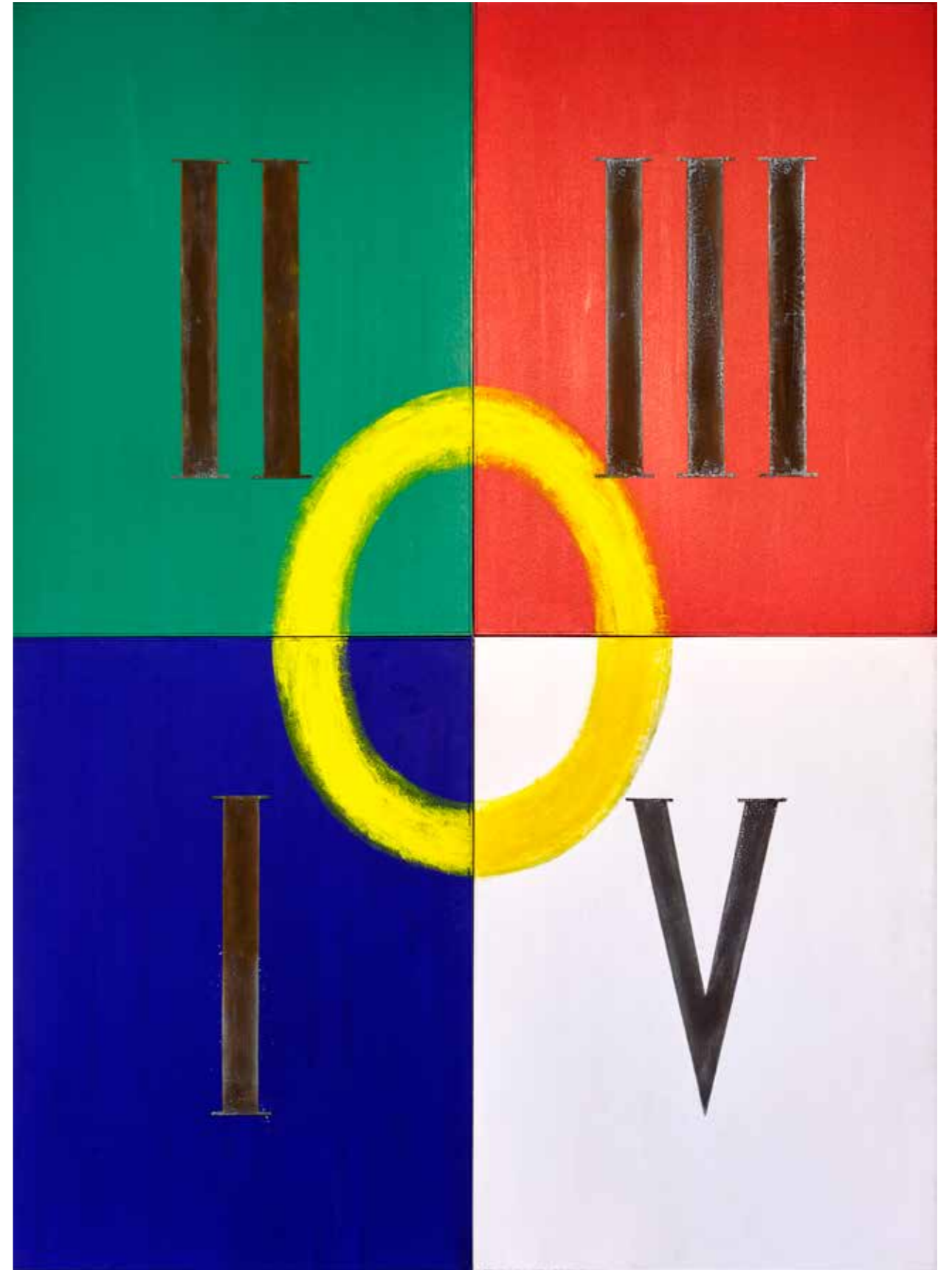
Do mesmo modo que os extraordinários escritos, as pinturas de Leonardo da Vinci permanecem contemporâneas, os Lusíadas, esta magistral obra de Camões, também não foi esquecida ao longo do tempo.

Esta pintura de minha autoria visível nesta exposição, creio ter profundas afinidades com os Lusíadas de Camões. Desde logo, como a obra de Camões, tem a ver com a identidade de Portugal, esta minha pintura faz uma alusão pictórica às diferentes bandeiras de Portugal, à sua sinalética, reflete o significado e significante da nossa história. Ela analisa a nossa identidade, identidade que é um dos pressupostos da actividade racional do espírito. Refere no «V» o mito sebástico, o Quinto Império. Faz referências no «I», «II» e «III», à trindade que prona em grande parte das religiões. No Oriente, no “taoismo” o Yin e Yang, duas forças opostas e fundamentais no «tao», conceito do princípio gerador de todas as coisas, que necessita de um terceiro elemento para fazer as suas permutas, o «vazio». Estas duas forças complementares que fazem parte de tudo que existe, contribuem não só para o equilíbrio dinâmico, mas também induzem ao movimento da mudança. Diante da ausência de um absoluto, acredita-se numa transformação continua.

Termino com estes versos camonianos com tanta acuidade mental e actualidade:

“Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama !
Ó fraudulento gosto, que se atiça ...”

MANUEL CASIMIRO
Identidade(s) e Refracções Camonianas, 1988
Acrílico em aglomerado de madeira,
com incrustações de números romanos em bronze.
Políptico de 4 elementos.
250 x 182 cm
Col. do artista
Fotografia: Vítor Garcia



A serigrafia *Onde a terra acaba e o mar começa* é uma ilustração que se refere a um verso da estância 20 do canto III de *Os Lusíadas*: «Eis aqui, quase cume da cabeça/ De Europa toda, o Reino Lusitano,/ Onde a terra se acaba e o mar começa/ E onde Febo repousa no Oceano».

Encontramos nesta ilustração não apenas uma ligação à literatura, mas também à Antiguidade Clássica, através da referência a Febo, o deus romano equivalente ao grego Apolo. Este diálogo contínuo com o passado é assumido pelo próprio pintor, quando afirma, numa entrevista em 2009 a Anabela Mota Ribeiro, que «o passado é omnipresente na minha pintura. Procuo um sentido, um fio de Ariadne que evite perder-me no labirinto dos acontecimentos».

A ilustração *Onde a terra acaba e o mar começa* é uma paisagem datada de 1998, que antecipa a série *Paisagens Ocultas*, iniciada em 2014, tal como outra ilustração sobre *Os Lusíadas*, *Os panos de Marraquexe*, datada de 1971, antecipa a série *Paisagens dos Vale dos Reis*, iniciada em 1979. Apresenta as características que viriam a definir mais tarde as *Paisagens Ocultas*: um desenho sinuoso e paisagístico, que delimita sete espaços de cor, e que, neste caso concreto, cria uma ilusão de profundidade.

Na serigrafia, o nosso olhar é atraído por uma pincelada dissonante na mancha verde. Referência a Febo que repousa no oceano? Referência ao círculo vermelho deixado de forma enigmática no retrato de Almada Negreiros? Neste momento, só nos resta (re)construir o fio de Ariadne.

Helena Skapinakis

Nota: a entrevista de Anabela Mota Ribeiro intitula-se *Nikias Skapinakis*, o pintor que vive dentro da tela e foi publicada no dia 30 de dezembro de 2009 na revista Ípsilon do jornal Público.

NIKIAS SKAPINAKIS
Onde a terra acaba e o mar começa, 1998
Acrílico sobre papel.
32 x 56 cm
Col. CNC
Fotografia: Cortesia Fundação Carmona e Costa



«Estando em terra, chego ao céu voando», é o verso do soneto de Camões «Tando de meu estado me acho incerto», que intitula a pintura inédita em tríptico que agora se apresenta. Camões fala-nos de um olhar, e para mim a pintura é o lugar da troca dos olhares, e o seu fazer um contínuo vai e vem de acções em que, em múltiplos movimentos, o artista se desdobra. O estado físico do pintor altera-se no momento do *fazer*. Os pés irrequietos levam-nos a sentar-se ou andar de um lado para o outro. Inquieto num aparente estar quieto. No início o quadro resguarda-se distante. O pintor mede paredes, convoca planos, interroga horizontes. Ocupa-se a resolver distâncias. O tempo parado vai passando. Espera e desconfia. Movem-se as cores nas superfícies e as mãos tremem ao se aperceber do olhar que elas sabem ter. Rios saem dos olhos em fluxos não controlados. As paredes absorvem-nos. O que parecia uno dissolve-se num desaperto. E assim faz, desfaz e refaz.

O olhar fecha-se por fim no instável equilíbrio numa imagem que se fixa. E os pés vê voando.

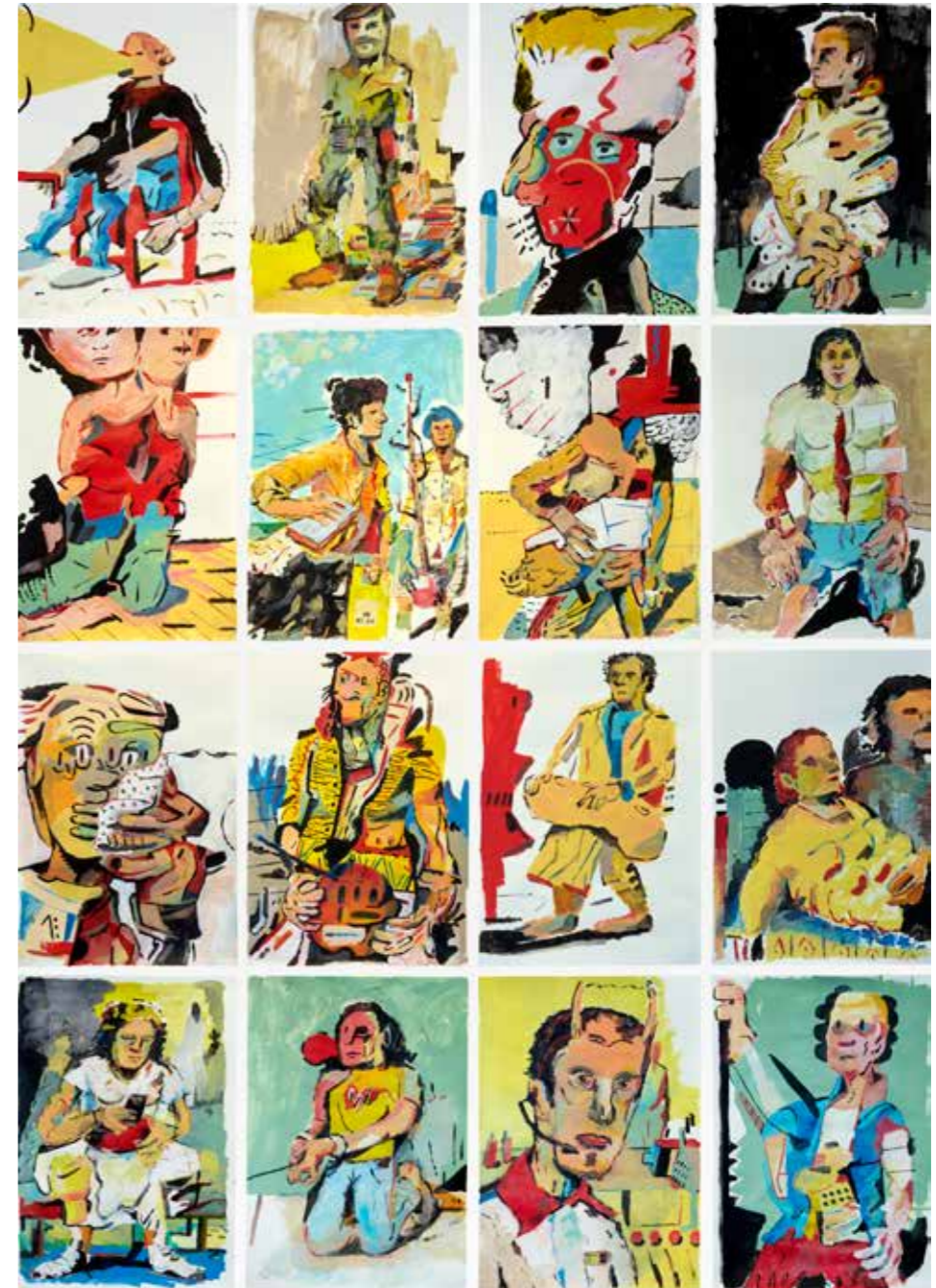


PEDRO CALAPEZ
Estando em terra chego ao céu voando, 2020
Acrílico sobre painéis em contraplacado e madeira.
168,5 × 62,5 × 12 cm
Col. do artista
Fotografia: MPCC

O poeta sem túmulo e sem princípio ancestral. Sem antepassados, sem árvore. Camões não morreu (é um morto-vivo, o que é bem melhor do que um vivo-morto) mas às vezes parece que se esqueceram que está vivo onde a luz engoliu a sombra que engoliu a luz. Está vivo exatamente onde querem esquecê-lo, na imperfeição humana de Caim matando Caim matando Abel, de Jacob esperando e esperando e esperando o que lhe foi negado. Lembro-me, sem saudades, das aulas de português onde mastigávamos as orações dos Lusíadas enquanto os deuses do Olimpo debatiam se empurravam a armada do pirata Vasco da Gama para as rochas do Adamastor escangalhando a empreitada de chegar de surpresa onde os árabes e os otomanos não deixavam a Europa chegar. E no compêndio obediente a professora feroz punha-nos a desvendar a superestrutura das elipses semânticas, a matemática das sílabas, a harmonia sacra dos versos de um homem que sentia demasiado. E nessa tortura estruturalista de sujeitos e predicados eu perdia a cegueira de Ícaro que há em Camões pois sentir demasiado no século XVI talvez fosse como afogar-se em terra firme. A salvação para esse sentir demasiado talvez estivesse no soneto seguinte, na redondilha aguçada amansando a tormenta. Camões é o poeta das *dores sofridas de uma língua nova* como falou Jorge de Sena. Mas eu quis (ou precisei) fazer essa *fala* a sangue frio, sem o raio-x da filologia e sem a nave espacial da hermenêutica, mas sobretudo sem o frente e o verso da sua estátua lisboeta erguida por subscrição pública numa praça batizada com o seu nome. Não quis falar do homem europeu de barba *hipster*, nem da sua coroa de vate, atada ao cabelo moreno. Não quis falar do Camões petrificado e elegante como um ator de opereta. Não queria a estátua suja por lugares-comuns.

E eu sei do Camões neoplatónico, petrarquiano, retratista, de cancioneros e sonetos, o Camões da entropia camoniana, mas quis ir pelo caminho do Camões que deitou tudo a perder em sarilhos de desamor, o poeta incógnito no meio de vadios e caixinhas de esmola, e escravos e penhoras e meirinhos e sem vida privada que não fossem fome e desgosto. E quis pensar num Camões encurralado no pouco tempo, e no pouco espaço de uma única vida. Um Camões ignorante de si próprio.

E fiz-lhe perguntas que ele, claro, apesar de vivo e apesar de morto, não me quis responder: Como era o timbre das tuas dúvidas? Foste feliz onde não estavas? Quantas mulheres amaste Camões? E quantas vezes sentiste a vergonha do soneto ser mais belo que o beijo da desamada? E explica-me como é que tu latinista, a tentar ultrapassar Vergílio e Homero na curva da modernidade também fizeste sentinela em terras estrangeiras e degolaste, estripaste os que não eram da tua fé? Sentiste o cheiro do sangue nas palavras de amor que escreveste nas horas noturna da vigília? Sentiste na pausa do amor recusado o odor da pimenta afogada, da noz-moscada, do tiro traiçoeiro que te levou o olho? Mas todas estas inquietações não são imagens, não possuem forma definida e estas imagens, estas pinturas, a minha pintura, é indefesa perante a fome de dar sentido às coisas e elas (a minha pintura) não sabem o que fazer com esse sentido. O Amor (e também o amor por tentar, e tentar e fracassar, fazer arte) é infinito e múltiplo como a insónia onde reverberam as estrelas celestes mas há sempre o dia seguinte e o dia seguinte. Há sempre.

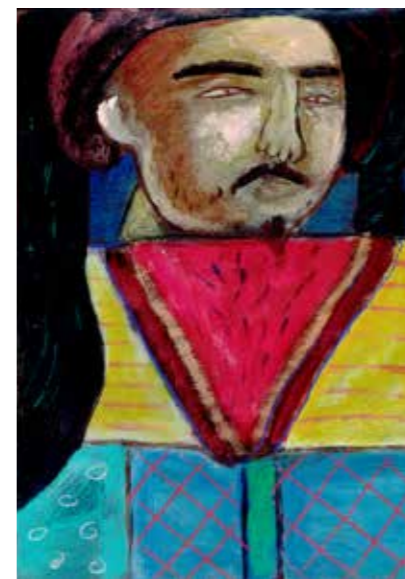


PEDRO POUSADA
Ao desconcerto do mundo, 2020
Acrílico sobre papel.
16 folhas 42 × 59,4 cm
Col. do artista
Fotografia: Vítor Garcia



A plasticidade do épico levou-me a mergulhar em muito material visual da época, da pintura (italiana) às miniaturas maneiristas. Sou um voraz leitor de Camões e das questíunculas dos camonianos. Há um furor e engenho e sensualidade que nos contaminam — um estilo rico que adoça e excita ao mesmo tempo, um ardor intelectual que vai na carne.

Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.



PEDRO PROENÇA
Lusíadas - 3a versão, 2004
Acrílico e lápis de cera sobre papel
12 peças
Col. do artista
Fotografia: Pedro Proença



As deusas afastam as naus, mas a frota chega a Melinde, com o Rei potente
em seu Porto, a recebe festivamente.



JOSÉ SOBRAL CENTENO
Chegada da frota a Melinde, 2020
Acrílico sobre tela.
140 × 280 cm
Col. do artista
Fotografia: Filipe Braga

A escultura *S/Título* de 2007, que escolhi para participar na exposição *Refracções Camonianas*, foi feita para figurar numa outra exposição no Museu Nacional de Arte Antiga, intitulada «MUSEUM». Nesta mostra as minhas esculturas estavam em diálogo com obras da colecção do MNAA, algumas delas dos séculos XV e XVI.

Pareceu-me que havia neste trabalho, uma meditação sobre a condição humana, na sua finitude e fragilidade, a possibilidade de estabelecer uma relação com a obra camoniana. Luís de Camões viveu e criou a sua obra no final do século XVI e, através dela, exprimiu a transição da confiança e optimismo renascentista, para uma situação em que a incerteza e a precariedade da vida se tornam centrais.

RUI SANCHES
S/Título, 2007
Contraplacado, tinta, ferro e bronze.
250 × 186 × 33 cm
Col. do artista
Fotografia: José Manuel Costa Alves



ZULMIRO DE CARVALHO

(...) E se meus rudos versos podem tanto
que possam prometer-te longa história
daquele amor tão puro e verdadeiro,

celebrada serás sempre em meu canto;
porque enquanto no mundo houver memória,
será minha escritura teu letreiro.

ZULMIRO DE CARVALHO
Universo em fuga, 2020
Grafite sobre papel.
76 x 56 cm
Col. do artista
Fotografia: Filipe Braga



ALBUQUERQUE MENDES

Nasceu em Trancoso, em 1953. Vive e trabalha em Leça da Palmeira. Frequentou o Circulo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), entre 1970 e 1975, e aí realizou a sua primeira exposição individual, em 1971. Pertenceu ao Grupo Puzzle desde a sua criação, em 1976, até à sua última exposição, em 1980. Foi um dos fundadores da Associação de Arte Espaço Lusitano, um dos mais dinâmicos lugares de revelação da jovem arte portuguesa em meados da década de 80. Em 1974 fez a sua primeira performance/ritual. Ganhou visibilidade internacional através das suas performances, tendo participado em alguns dos mais importantes festivais do género, em França, no Centro Georges Pompidou em Paris e no Simpósio de Lyon, assim como noutros países: Alemanha, Espanha, Holanda e Brasil. Prática que tem continuado até aos dias de hoje. Participou na exposição colectiva Alternativa Zero, Galeria Nacional de Arte Moderna de Belém, Lisboa em 1977; Tríptico, Europália 91, Museum van Hedendaagse Kunst, Ghent em 1991; 2ª Biennale International de Casablanca em 2014.

Das exposições individuais, seleccionam-se: Confesso, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto em 2001; Natureza e Crueldade, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Brasil em 2005; Caminho de Santo (com Nelson Leiner), Instituto Valenciano de Arte Moderna, Valência em 2009; La Creazione, Igreja de Santo António dos Portugueses, Roma em 2010; Rosebud, Quarto 22, Colégio das Artes, Coimbra em 2016; Jugglers - Problemas e Insolvência, Galeria Graça Brandão, Lisboa em 2017; Na inquietude do desejo, Museu Nacional Soares dos Reis, Porto em 2018; Fogo - Casa Museu Teixeira Lopes, Vila Nova de Gaia em 2019; Memórias Roubadas - Centro de Memória, Vila do Conde em 2020.

ANTÓNIO OLAIO

António Olaio, Lubango, Angola, 1963. Vive em Coimbra. Exposições individuais e performances em Portugal, Espanha, Alemanha, EUA, França, Holanda. Professor no curso de Arquitetura, diretor do Colégio das Artes e investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

ARLINDO SILVA

Nasceu na Figueira da Foz, em 1974. Vive e trabalha no Porto. Licenciou-se em Artes Plásticas na FBAUP em 2001. No mesmo ano foi bolseiro do programa Erasmus realizado na Academia de Belas Artes de Riga. Docente na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto. O trabalho de Arlindo Silva tem sido baseado na captação de instantes da vida quotidiana, através de um processo muito particular: cada momento é registado em fotografia, a qual é depois convertida numa imagem cuidadosamente pintada. É neste processo de transferência da fotografia para a pintura que

o artista vem acrescentar outras dimensões à noção de instantâneo. Os temas das obras do artista, que trabalha também com o desenho, são concentrados em situações vividas na vida pessoal do artista, quer com a família, quer com os amigos. Para além da dimensão afectiva inerente ao resgate destes momentos do esquecimento, a pintura apresenta uma experiência da realidade e um modo individual de ver o mundo. Entre as exposições mais recentes, destacam-se as individuais: *Coração e Cinzas*, Palácio Vila Flor, Guimarães (2014); *Arlindo Silva no Coerência*, Uma Certa Falta de Coerência, Porto (2010); *Mãe*, Galeria MCO Arte Contemporânea, Porto (2009); *A espuma dos dias*, Galeria MCO Arte Contemporânea, Porto (2008); e as colectivas: *Apesar de tudo, ainda se fodia*, Projecto *Expedição*, curadoria de Miguel von Hafe Pérez, Maus Hábitos, Porto; *Formas e forças*, Curadoria de Óscar Faria, Galeria Quadrado Azul, Porto (2012); *knell dobre glas*, Galeria Quadrado Azul, Lisboa/ Porto (2012); *Cinco Séculos de Desenho na Coleção da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto*, Museu Nacional Soares dos Reis, Porto (2012); *Collecting Collections and Concepts*, Fábrica ASA, Guimarães (2012).

CABRITA

Cabrira nasceu em Lisboa em 1956, cidade onde vive e trabalha. Com reconhecimento internacional consolidado, o seu trabalho tornou-se crucial para o entendimento da escultura a partir de meados da década de 1980. A sua complexa obra, caracterizada por um idiossincrático discurso filosófico e poético, engloba uma grande variedade de meios: pintura, escultura, fotografia, desenho e instalações compostas de materiais encontrados e de objectos manufacturados. Utilizando materiais simples e submetendo-os a processos construtivos, Cabrira recicla reminiscências quase anónimas de gestos e acções primordiais repetidos no quotidiano. Centradas em questões relativas ao espaço e à memória, as suas obras adquirem um sugestivo poder de associação que, transpondo o visual, alcança uma dimensão metafórica. A complexa diversidade teórica e formal do trabalho de Cabrira procede de uma reflexão antropológica contrária ao reducionismo do discurso sociológico. De facto, é sobre silêncios e indagações que assenta a obra de Cabrira. Participou em importantes exposições internacionais, tais como na Documenta IX em Kassel, em 1992, nas 21ª e 24ª Bienais de São Paulo, respectivamente em 1994 e 1998, e no Aperto na Bienal de Veneza de 1995. Em 2003, representou Portugal na Bienal de Veneza, em 2013 apresentou *A Remote Whisper*, 55a Biennale de Venezia, *States of Flux – Pedro Cabrira Reis*, Tate Modern, London, 2011-2013; e mais recentemente *Work (always) in progress*, CGAC, Santiago de Compostela 2019; *A roving gaze*, Serralves, Porto 2019; *Cabrira – Cabinet d'amateur*, CAC Malaga, Malaga 2020.

FRANCISCO LARANJO

Francisco Laranjo, Lamego, Portugal, 1955. Curso Superior de Artes Plásticas da Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1978. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, 1981–83, Junta Nacional de Investigação Científica, Egipto e Holanda, e do Goethe-Institut, Alemanha, 2001. Tem sido conferencista em instituições tais como a École nationale supérieure des Beaux-Arts (França), Winthrop University (EUA), Ottawa University e Alberta College of Art and Design (Canadá), Marmara University (Turquia), Sheffield Hallam University (Reino Unido), Universidade de São Paulo (Brasil), Facultad de Bellas Artes – Universidade de Castilla-La Mancha (Espanha), National Academy of Art Sofia (Bulgaria) e Dresden Academy of Fine Arts (Alemanha), entre outras. É Professor Catedrático da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Tem exposto individual e colectivamente em galerias e museus em Portugal e em vários continentes. Destacam-se as exposições individuais recentes: *Infinitem* (2015), Galeria da Cooperativa Árvore, Porto; *Luz em Suspensão* (2015), Nagasaki Museum of History and Culture, Nagasaki, Japão; *Recent Works* (2013), Gallery Feel, Changwon, Coreia do Sul; *Obra Gráfica* (2013), Galeria do Conservatório Calouste Gulbenkian, Aveiro. Está representado nas colecções da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea (Portugal), Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal), Museu de Arte de Porto Alegre (Brasil), Museu de Arte Contemporânea KNU (Coreia do Sul), Museu ASP (Polónia), Museu Amadeo de Souza Cardoso (Portugal), Colecção do Ministério das Finanças (Portugal), Fundação Portuguesa das Comunicações (Portugal), Colecção Benetton (Espanha), Institute of Contemporary Arts Kunsan (Coreia do Sul), Museu de Tomar (Portugal), entre outros. Entre vários prémios, destacam-se: Prémio Eng^o António de Almeida, Porto, 1978; Prémio Revelação na 1ª Exposição Nacional de Moderna ARUS, Museu Nacional de Arte Soares dos Reis, Porto e na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1982/83; Medalha de Mérito, Grau Ouro, da Câmara Municipal do Porto, 2009; Medalha de Mérito, Grau Ouro e Prémio de Mérito Cultural da Câmara Municipal de Lamego, 2013; agraciado como Comendador da Ordem da Instrução Pública pelo Presidente da República Portuguesa, 2015. Vive e trabalha no Porto, Portugal.

FERNANDO MARQUES DE OLIVEIRA

Fernando Marques de Oliveira (Porto, 1947) frequentou a ESBAP e a Academia de Watermael Boitsfort em Bruxelas. Em 1980 fundou no Porto a Galeria *Roma e Pavia*, que dirigiu até 1986. Considerado como um dos valores fundamentais para a renovação do panorama artístico português no início da década de 80, posteriormente e durante mais de duas décadas torna-se especialmente conhecido graças aos seus trabalhos no campo

da cenografia, arquitectura e design de interiores. No entanto, nunca abandonou completamente a pintura e o desenho, artes que nos últimos anos tem retomado com novo vigor, mantendo as características pelas quais se tornou amplamente reconhecido, tais como a depuração e sentido de equilíbrio, bem como o jogo cromático, simultaneamente vigoroso e pleno de sofisticação formal.

GRAÇA MORAIS

Nasceu em Vieiro, Trás-os-Montes, em 1948. Concluiu o Curso Superior de Pintura na ESBAP em 1971. É membro da Academia Nacional de Belas Artes e de diversas associações, confrarias e fundações culturais. Foi agraciada com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, pelo Presidente Dr. Jorge Sampaio. Recebeu, entre outros, o Prémio de Artes-Casino da Póvoa, 2011 e o Prémio de Pintura da Academia Nacional de Belas Artes, em 2013. Em 2015 foi homenageada pelo Plast&Cine em Bragança.

Em 2016, a pintora Graça Morais foi galardoada com o prémio 'Obra de Vida' dos Prémios SOS Azulejo 2015. Em 2017 recebeu a Medalha de Mérito Cultural e Científico, Grau Ouro, de Vila Nova de Gaia.

Em 2018 recebeu a Medalha de Honra do Instituto Politécnico de Bragança (IPB). E, em Março de 2019, o seu contributo para as Artes foi reconhecido pelo Governo Português com a Medalha de Mérito Cultural. Desde 1974 até 2021 realiza e participa em mais de uma centena de exposições individuais e colectivas, dentro e fora do País, destacando a representação de Portugal na 17ª Bienal de São Paulo em 1983 e em 2017 a exposição *La Violence et la Grâce*, na Fondation Calouste Gulbenkian em Paris onde também decorreu o colóquio internacional *O Mito e a Metamorfose* que reuniu uma vintena de especialistas da obra da pintora. Em 2008, foi inaugurado o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (CACGM), em Bragança. O edifício é da autoria do arquitecto Souto Moura, e mantém em permanência exposições temporárias com obras da artista. Dez anos mais tarde, foi criado o Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais (LAM-GM) que visa promover novas oportunidades para actividades de ensino e investigação, tendo por base a inventariação e criação de um centro de documentação sobre a obra da pintora Graça Morais.

Ilustrou e colaborou com poetas e escritores, como: José Saramago; Sophia de Mello Breyner Andresen; Agustina Bessa-Luís; Miguel Torga; Pedro Tamen; António Alçada Baptista; Manuel António Pina; Nuno Júdice; Clara Pinto Correia; José Fernandes Fafe; António Osório; Ana Marques Gastão; José Carlos de Vasconcelos, Valter Hugo Mãe, entre outros. Foram escritas monografias, textos críticos e literários, por: António Mega Ferreira; Fernando de Azevedo; Egídio Álvaro; Fernando Pernes; Vasco Graça Moura, Sílvia Chicó; Rui Mário Gonçalves; Lídia Jorge; Manuel

Hermínio Monteiro; Eduardo Lourenço; Maria Velho da Costa; João Pinharanda; José Manuel dos Santos; Bernardo Pinto de Almeida; António Carlos Carvalho; Bruno Musatti; Frederico Moraes; Maria João Fernandes; Ruth Rosengarten; Cristina Tavares Azevedo; José Viale-Moutinho; João Fernandes; Jorge da Costa; Laura Castro; António Tabucchi; Guilherme D'Oliveira Martins; Helena de Freitas; Ana Marques Gastão, entre outros.

JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO

José Maças de Carvalho, Universidade de Coimbra Doutor em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra. Professor no Departamento de Arquitetura e Subdiretor do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

JOSÉ RODRIGUES

Nasceu em Luanda em 1936 e faleceu no Porto em 2016. Formado em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto, com 20 valores, onde foi professor. Foi fundador e Presidente da Direção da Cooperativa Árvore, Porto. Sócio Fundador da Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira. Reabilitou o Convento de S. Paio em Vila Nova de Cerveira como espaço de arte e natureza. Criou a sua Fundação: Fundação Escultor José Rodrigues, com instalações na Fábrica Social, no Porto, onde se encontra o atelier. Foi condecorado, em 1994, com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Executou mais de 160 medalhas para diversas entidades. Realizou cenografias para mais de 50 peças de teatro em Portugal e no estrangeiro. Colaboração com poetas e escritores na ilustração de livros. Realizou vários monumentos e esculturas em Portugal e no estrangeiro: Paços de Ferreira, Arcos de Valdevez, Porto, Lisboa, Viana do Castelo, Vila do Conde, Ovar, Vila Nova de Cerveira, Barcelos, Bragança, Braga, Celorico de Basto, Aveiro, Alfândega da Fé, Valença, Melgaço, Valpaços, Fátima, Macau, New Bedford (USA), Brasil (Recife), Luanda (Angola), entre outros locais. Expôs individualmente desde 1964. Participou, desde 1973, em várias exposições coletivas em Portugal e no Estrangeiro nomeadamente em S. Paulo, Viena, Madrid, Veneza, Budapeste, Washington, Índia, Porto, Lisboa, Bremen, Düsseldorf, Kassel, Luxemburgo. Foi distinguido com diversos Prémios de importância nacional: Prémio Amadeo Souza-Cardoso; Prémio da Imprensa pelo melhor espaço cénico realizado em Lisboa (1972); Prémio de Escultura da Bienal de Vila Nova de Cerveira (1980); Prémio Sotcip *Artista do Ano* (1990); Prémio *Tendências de Arte Contemporânea em Portugal* atribuído pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira (1994); Prémio de Artes Casino da Póvoa (2010). Está representado em várias coleções particulares e em Museus, no país e no estrangeiro.

JÚLIO POMAR

Nasceu em 1926 em Lisboa. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio e as Escolas de Belas-Artes de Lisboa e Porto, tendo participado em 1942 numa primeira mostra de grupo, em Lisboa, e realizado a primeira exposição individual em 1947, no Porto, onde apresentou desenhos. Nesses anos a sua oposição ao regime de Salazar acarreta-lhe uma estada de quatro meses na prisão, a apreensão de um dos seus quadros pela polícia política e a ocultação dos frescos com mais de 100 m², realizados para o Cinema Batalha no Porto. Permanece em Portugal até 1963, ano em que se instala em Paris. Viveu e trabalhou entre Paris e Lisboa até falecer em Maio de 2018 em Lisboa.

De uma obra que se prolonga por sete décadas, o autor destaca, após o período inicial, dito neo-realista, as exposições «Tauromachies» e «Les Courses» (Galerie Lacloche, Paris, 1964 e 1965); a participação numa mostra dedicada ao quadro de Ingres *Le Bain Turc* pelo Museu do Louvre (1971); as séries de pinturas *Mai 68* (CRS SS) e *Le Bain Turc* (Galeria 111, Lisboa); as exposições «L'Espace d'Eros» (Galerie de la Différence, Bruxelas, 1978) e «Théâtre du Corps» (Galerie de Bellechasse, Paris, 1979); «Tigres» (Galerie de Bellechasse e Galeria 111, 1981 e 1982); «Um ano de desenho – quatro poetas no Metropolitano de Lisboa» (estudos preparatórios para a estação Alto dos Moinhos) em 1984 no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, que já em 1978 promovera a sua primeira exposição retrospectiva; «Ellipses» (Galerie de Bellechasse, Paris, 1984); e «Mascarados de Pirenópolis» (Galeria 111, ARCO, Madrid, 1988).

LEVI GUERRA

Médico, investigador, professor universitário, poeta e artista plástico. Levi Guerra, Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, é um homem de múltiplos ofícios que, aos 87 anos de idade, decidiu homenagear o seu antigo professor primário com uma combinação das suas expressões artísticas prediletas: a pintura e a literatura - a pintura e a literatura - especialmente na sequência de quadros “Os Lusíadas” na *figuração de Levi Guerra*.

LU LESSA VENTAROLA

Lu Lessa é mineira. Tem manias. Tem arca com nomes escritos. Formação académica: Direito na UFJF. Mestrado na Univeridade Católica do Porto. Formação Artística: Parque Lage (João Magalhães, Gianguido Bonfati, Helio Eichbauer, Charles Watson – professores). Fundou o MAP – Movimento Armado de Poesia, e por ele faz oficinas em escolas públicas e intervenções urbanas. Faz exposições artísticas por aí. A mais importante delas foi uma individual no CCBB-RJ, em outubro de 2017, com curadoria do Helio Eichbauer.

MANUEL CASIMIRO

Manuel Casimiro nasceu em 1941. Viveu largos anos na cidade de Nice, passando por Nova Iorque, Veneza e vários países nórdicos. A sua obra abrange áreas tão diversas como a pintura, a escultura, a fotografia e o cinema. Em 1997, a Fundação de Serralves dedicou-lhe uma exposição retrospectiva. Está representado em coleções de vários museus nacionais e estrangeiros.

NIKIAS SKAPINAKIS

(1931–2020) Filho de pai grego e mãe portuguesa nasceu em Lisboa no ano de 1931. Frequentou o curso de Arquitectura, disciplina que acabaria por abandonar pela dedicação à pintura. Além da pintura a óleo, predominante no seu percurso, trabalhou com diversas técnicas e com diferentes propósitos: serigrafia, litografia, cerâmica e ilustração de livros. Entre outras obras ilustrou *Quando os Lobos Uivam* de Aquilino Ribeiro e *Andamento Holandês* de Vitorino Nemésio.

É um dos autores de um dos painéis do café Brasileira no Chiado e, em 2005, concebeu painel de azulejos para o metro de Arroios que continua em obras de ampliação. No ano de 2012, o Museu Berardo apresentou a exposição antológica Presente e Passado 2012–1950, dedicada ao artista.

PEDRO CALAPEZ

Pedro Calapez (1953 -) começou a participar em exposições nos anos 70, tendo realizado a sua primeira individual em 1982. O seu trabalho tem sido mostrado em diversas galerias e museus tanto em Portugal como no estrangeiro sendo de salientar as exposições individuais em que participou: “Histórias de objetos”, Casa de la Cittá, Roma; Carré des Arts, Paris; Fundação C.Gulbenkian, Lisboa; Petit jardin et paysage, Capela Salpêtrière, Paris (1993); Campo de Sombras, Fundació Pilar i Joan Miró, Mallorca (1997); Madre Agua, Museo MEIAC, Badajoz e Centro Andaluz de Arte Contemporáneo, Sevilha (2002); Obras escolhidas, CAM-Fundação Gulbenkian, Lisboa (2004); piso zero, CGAC- Centro Galego de Arte Contemporáneo, Santiago de Compostela; Lugares de pintura, CAB-Centro de Arte Caja Burgos (2005); “There is only drawing”; Fundação Luís Seoane, Corunha, Galiza (2013); “O Segredo da Sombra”, Fundação Carmona e Costa, Lisboa (2016); “BoPeep”, Sismógrafo, Porto (2018); “El meandro de los caminos”, Galeria Vilaseco, A Coruña (2019)..

Nas diversas mostras coletivas destaca-se a sua participação nas Bienais de Veneza (1986) e S. Paulo (1987 e 1991); Tage Der Dunkelheit Und Des Lichts, Kunstmuseum Bonn (1999); EDP.ARTE, Museu de Serralves, Porto (2001); Beaufort Inside-Outside, Trienal de Arte Contemporânea, PMMK Museum, Ostende (2006); “La colección”, Fundación Barrié, A Coruña (2011); “Euroscope” (BEI Collection), Cercle Cité,

Luxembourg (2015); “Backstories”, FASVS, Museu Vieira da Silva, Lisboa e Mudanças, Museu de Arte Contemporânea da Madeira (2016); “Quote/Unquote. Entre apropriação e diálogo”, MAAT, Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, Lisboa (2017); “Uma Coleção=Um Museu 2007/2017”, MACE, Elvas (2017); “Fóra de Foco”, AColección, AFundación, A Coruña; “Festa Furia Femina, Coleção FLAD”, Museu MAAT, Lisboa. www.calapez.com – www.buyacalapez.com

PEDRO POUSADA

Pedro Pousada (Lisboa, 1970), é Artista Visual ativo desde 1990 e Professor Auxiliar da Universidade de Coimbra desempenhando funções docentes no Departamento de Arquitetura da FCTUC e no Colégio das Artes de que é subdiretor e onde desenvolve funções de coordenação do Doutoramento em Arte Contemporânea desde 2012. A sua atividade científica tem estado sobretudo ligada às relações entre modernidade artística e cultura arquitetónica no séc. XX tendo publicado a sua investigação em diversas revistas académicas. Foi membro da direção do CAPC (2012-2015) e é colaborador da mesma instituição cultural na área da produção ensaística sobre Arte Contemporânea. Um dos seus trabalhos mais recentes é o Livro de Artista, “Why I am still a Communist”(2019) publicado pela Stolen Books.

PEDRO PROENÇA

Licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, em 1986. Ainda enquanto realizava o curso, começou a intervir no espaço da universidade com Pedro Portugal, fundando o projecto de uma revista intitulada “Homeostética”, a partir da qual se formaria o grupo Homeostético, colectivo que integrou, de início, os nomes de Manuel João Vieira, Pedro Portugal, Ivo e Xana. Fazem a primeira exposição de grupo em 1983.

A sua 1ª exposição individual foi em 1984, e a esta seguiram-se importantes participações em exposições em Portugal e no estrangeiro,

Em 1983 ganhou o Prémio Nadir Afonso e foi distinguido com Menção Honrosa no Festival Cagnes-sur-Mer. Em 1985 foi distinguido com o premio Aquisição V Trienal da Índia e em 1993 foi-lhe atribuído o Prémio União Latina pela instalação realizada na sede da Fundação Calouste Gulbenkian. No ano de 1996 ganhou o Prémio Eixo Atlântico e em 1997 o 1º Prémio Salon de Otoño de Plasencia. Encontra-se representado em coleções públicas em Portugal e Espanha, como Fundação de Serralves, Porto; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; MEIAC, Badajoz; Centro de Arte Rainha Sofia, Madrid.

SOBRAL CENTENO

Nasceu no Porto. Vive e trabalha em Matosinhos. Curso de Artes Plásticas da Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian de 1983 a 1985.

Participa em exposições colectivas ou de grupo em: Portugal, Espanha, França, Suíça, Bélgica, Luxemburgo, Inglaterra, Itália, Alemanha, Dinamarca, Rússia, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Venezuela, Argentina, Chile, Egito, Moçambique, Macau e Coreia do Sul. Nos anos 90 passa a trabalhar e ser representado pela Galerie Michael Schultz, em Berlin, Alemanha.

Está representado em colecções públicas e privadas, a saber: Museu Amadeo Souza-Cardoso, Amarante, Portugal, Museu do Douro, Régua, Portugal, Museu de Arte Contemporânea da Bienal de Cerveira, Portugal, Museu de Arte Contemporânea do Estado de Pernambuco, Olinda, Brasil, Museu de Arte Contemporânea Assis Chateaubriand, Campina Grande, Brasil, Museu de Arte de Santa Catarina, Brasil, Kunstmuseum Walter im Glaspalast, Augsburg, Alemanha, Samlung Sperling, Mainburg, Alemanha, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, Fundação Espaço Cultural da Paraíba, João Pessoa, Brasil, Instituto de Arte Contemporânea, Recife, Brasil, Shoes or no Shoes Museum, Kreuhsouten, Bélgica, L'Unesco La Galeria d'Art, Paris, França.

Das exposições individuais realizadas após o ano 2000, destacam-se: 2020- Museu do Côa, Portugal; 2019 - Fórum Cultural de Cerveira, Vila Nova de Cerveira, Portugal; 2018 - Museu do Douro, Régua, Portugal; 2017 - Fórum da Maia, Portugal; 2014 - Espacio Express, Santillana del Mar, Espanha; 2013 - Quase Galeria, Porto, Portugal; Galeria Nuno Centeno, Porto, Portugal; Galeria Gomes Alves, Guimarães, Portugal; 2010 - Instituto de Arte Contemporânea, Recife, Brasil; 2009 - RC Museo Regina Coeli, Santillana del Mar, Espanha; Sala Mauro Muriedas, Torrelaveja, Espanha; Palácio Jesus de Monasterio, Casar de Periedo, Espanha; 2008 - Galeria Municipal de Matosinhos, Portugal; Galeria El Torco, Suances, Espanha; Atelier Tom Munsteiner, Stiphausen, Alemanha; de Arte, Rio de Janeiro, Brasil;

RUI SANCHES

Rui Sanches nasceu em Lisboa, Portugal, em 1954. Estudou durante três anos na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, abandonando o curso em 1974 para ingressar na Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa, onde se inscreveu nos ateliês de pintura e desenho. De 1977 a 1980 estudou no Goldsmiths' College, em Londres, onde tirou o *Bachelor of Arts* e entre 1980 e 1982 tirou o *Master of Fine Arts* na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Durante a sua estadia em Londres deixa de pintar e experimenta diferentes meios e linguagens, acabando por se dedicar mais concretamente à instalação e escultura, práticas que mantém até hoje.

Durante os anos 80 a sua obra é marcada por claras referências a fontes da história da arte dos séculos XVII-

XIX. A madeira e os seus derivados – contraplacado, aglomerado, etc. – são os materiais de eleição do escultor, que por vezes os combina com canos, aço, ou, a partir dos anos 90, com vidro ou espelhos, por exemplo. A partir dos anos 90 Rui Sanches desliga-se dos referentes históricos e introduz na sua obra elementos modelados, até então ausentes, e explora um novo processo construtivo – o empilhamento de formas planas para formar um elemento tridimensional. Este processo está desde então presente na maior parte dos seus trabalhos. Para além da escultura, desenvolve também um significativo corpo de trabalho em desenho.

Expôs individualmente pela primeira vez em 1984, na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa, destacando-se ainda a exposição retrospectiva da sua obra realizada em 2001 pelo Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Em 1987 integrou a representação portuguesa à 19ª Bienal de São Paulo. Realizou ainda algumas obras para espaços públicos, de que são exemplos Um Espaço para Santo Tirso, a sua primeira escultura pública, realizada no âmbito do 2º Simpósio Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso, em 1993, ou, mais recentemente, Monumento a Maria José Nogueira Pinto, Lisboa, em 2014.

ZULMIRO DE CARVALHO

Zulmiro de Carvalho nasceu em Valbom, Gondomar, Portugal, em 1940. Curso de Escultura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde foi professor de 1969 a 1995. Pós-graduação na St. Martin's School of Arts de 1971 a 1973, em Londres. Boleiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal e Inglaterra. Membro Fundador do Lugar do Desenho – Fundação Júlio Resende, do qual foi presidente de 2009 a 2011. Desde 1964 tem participado em exposições colectivas no País e no estrangeiro e em simpósios internacionais de escultura. Realizou cerca de trinta exposições individuais de escultura e desenho.

Obteve vários prémios dos quais destaca o Grande Prémio de Escultura na III Bienal de Vila Nova de Cerveira, em 1982 e o Prémio de Escultura na III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1986. Medalha de Mérito Artístico Grau Ouro, atribuída pela Câmara Municipal de Gondomar, em 2017. Medalha de Mérito Cultural Classe Ouro, atribuída pela Câmara Municipal de Gaia, em 2019. Medalha de Mérito Cultural, atribuída pela Câmara Municipal do Porto, em 2019. Representado em colecções públicas e privadas como, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação de Serralves e Museu Britânico.

Autor de esculturas públicas em Portugal (Almada, Antuã, Braga, Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Gondomar, Lisboa, Matosinhos, Oeiras, Porto, Santo Tirso, Vila Nova da Barquinha e Vila Nova de Gaia), na Coreia do Sul (Busan e Mokpo) e na China (Macau).

IRRADIAÇÃO DE UM PROJECTO

22.02.2021 16h00	<i>Refracções Camonianas em artistas do Século XX</i> — <i>Sessão Inaugural</i> Ana Alcoforado (MNMC) Carina Gomes (CMC) José Carlos Seabra Pereira (CIEC) Manuel Ferro (CIEC)	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
01.03.2021 16h00	Encontro com CABRITA <i>Ilba dos Amores</i> Apresentação por Maria Bochicchio	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
08.03.2021 16h00	Encontro com Manuel Casimiro <i>Identidade(s) e Refracções Camonianas</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
12.03.2021 16h00	Encontro com António Olaio <i>Camões por Camões</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
15.03.2021 16h00	Encontro com Helena Skapinakis Nikias Skapinakis — <i>Onde a terra se acaba e o mar começa</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
19. 03. 2021 16h00	Encontro com Fernando Marques de Oliveira <i>Navegar</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
22.03.2021 16h00	Encontro com José Maças de Carvalho <i>S/Título [pool #1]</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
23.03.2021	<i>Nada Será Como Dante</i> de Filipa Leal e Pedro Lames programa televisivo dedicado à <i>Exposição Refracções Camonianas em Artistas do Século XXI</i>	Programa Televisivo RTP 2 https://bit.ly/2TSZ72r
29.03.2021 16h00	Encontro com Lu Lessa Ventarola <i>E não ardia?</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
05.04.2021 16h00	Encontro com Francisco Laranjo <i>Infinito Íntimo — A Casa de Camões</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
09. 04. 2021 16h00	Encontro com Ágata Rodrigues José Rodrigues — <i>Camões</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
12.04.2021 16h00	Encontro com Albuquerque Mendes <i>É ferida que dói, e não se sente - (17 03 1953)</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
16.04.2021 16h00	Encontro com Sobral Centeno <i>Cbegada da frota a Melinde</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r
18.04.2021 10h00 — 13h00	Dia Internacional dos Monumentos <i>O Fio do tempo: Refracções Camonianas</i> Visita guiada à exposição	Museu Nacional de Machado de Castro
19. 04. 2021 16h00	Encontro com Sara Antónia Matos, Diretora e curadora do Atelier-Museu Júlio Pomar / EGEAC Júlio Pomar — <i>Retrato de Camões</i>	Sessão Online https://bit.ly/2TSZ72r

23.04.2021
16h00

Encontro com Pedro Calapez
Estando em terra cbeigo ao céu voando

Sessão Online
<https://bit.ly/2TSZ72r>

26.04.2021
16h00

Encontro com Rui Sanches
S/ Título

Sessão Online
<https://bit.ly/2TSZ72r>

28. 04. 2021
16h00

Encontro com Arlindo Silva
Ao sair da desfocagem

Sessão Online
<https://bit.ly/2TSZ72r>

05.07.2021
16h00

Tereis o Entendimento de Meus Versos
Refracções Camonianas em contexto educativo
Projeto desenvolvido com a turma do 10º ano de Artes, da Escola Secundária Dr. Manuel Gomes de Almeida, pela professora estagiária Márcia Gonçalves, sob a supervisão da Prof. Doutora Isabel Morujão, no âmbito do Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino do Português e de Língua Estrangeira (MEPIEFA) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sessão Online
<https://bit.ly/2TSZ72r>

Escola Secundária
Dr. Manuel Gomes
de Almeida (Espinho)

ESCULPIR O TEMPO











FICHA TÉCNICA (CATÁLOGO)

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Coimbra

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Coimbra
Centro Interuniversitário
de Estudos Camonianos
Museu Nacional de Machado de Castro

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

José Carlos Seabra Pereira

CONCEPÇÃO DO PROJECTO,
DIRECÇÃO DA EXPOSIÇÃO,
ORGANIZAÇÃO DO CATÁLOGO
Maria Bochicchio*

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

©António Pinto
©Arlindo Silva
©Claro Sousa e Frederico Mendes
©Fátima Carvalho
©Filipe Braga
©Fundação Carmona e Costa
©João Ferrand
©José Maças de Carvalho
©José Manuel Costa Alves
©Milton Pacheco
©MPCC
©Pedro Proença
©Rui Ochoa
©Shared Institute
©Tiago Pinto/CCB |2018
©Vitor Garcia

IMPRESSÃO

Diário do Porto

TIRAGEM

500 exemplares

ISBN 978-989-8039-49-1
Depósito Legal 486670/ 21
Ano 2021

FICHA TÉCNICA (EXPOSIÇÃO)

EXPOSIÇÃO

17 de Novembro 2020
a 28 de Março 2021

ORGANIZAÇÃO

Centro Interuniversitário
de Estudos Camonianos
Museu Nacional de Machado de Castro
Câmara Municipal de Coimbra

COMISSÁRIA E CURADORA

Responsável pela planificação
e investigação
Maria Bochicchio*

COMISSÃO ORGANIZADORA

José Carlos Seabra Pereira
Manuel Ferro
Maria Bochicchio
Cristina Zhou Miao

COORDENAÇÃO GERAL

Ana Alcoforado
José Carlos Seabra Pereira
Maria Bochicchio

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Ivone Tavares
Pedro Ferrão

MUSEOGRAFIA

João Pocinho
Jorge Venceslau
Francisco Leal
Rui Santos

COMUNICAÇÃO E IMAGEM

Marisa Martins

DESIGN GRÁFICO

Shared Institute
+ Joana Pestana

TRADUÇÃO

Cíntia Pereira de Sousa

APOIO

Seguros Lusitania, SA

* O trabalho de investigação, selecção de materiais, coordenação, curadoria, documentação e apresentação que se traduz neste catálogo, foi realizado por Maria Bochicchio, Investigadora e Coordenadora do Grupo de Trabalho de "Poética e Retórica" do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos — Instituto de Investigação Interdisciplinar, UNIDADE 150, Universidade de Coimbra, ao abrigo do regime previsto no DL 57/2016 para o Estudo da Recepção Crítica e Criativa de Camões na Atualidade.

O conteúdo dos textos e a norma ortográfica usada são da responsabilidade dos autores.

Qualquer parte deste livro não poderá ser reproduzida sem o consentimento escrito dos detentores dos direitos.



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural



MUSEU
NACIONAL
DE MACHADO
DE CASTRO



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



INSTITUTO
DE INVESTIGAÇÃO
INTERDISCIPLINAR
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Centro
Interuniversitário
de Estudos
Camonianos

Financiamento: UIDB/00150/2020

FCT

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

LUSITANIA
SEGUROS

ALBUQUERQUE MENDES
ANTÓNIO OLAIO
ARLINDO SILVA
CABRITA
FRANCISCO LARANJO
FERNANDO MARQUES DE OLIVEIRA
GRAÇA MORAIS
JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO
JOSÉ RODRIGUES
JÚLIO POMAR
LEVI GUERRA
LU LESSA VENTAROLA
MANUEL CASIMIRO
NIKIAS SKAPINAKIS
PEDRO CALAPEZ
PEDRO POUSADA
PEDRO PROENÇA
RUI SANCHES
SOBRAL CENTENO
ZULMIRO DE CARVALHO

Em diálogo com Camões